UNILAB
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Redenção (CE), Novembro de 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Victor Godoy Veiga
Ministro da Educação

Roque do Nascimento Albuquerque
Reitor

Claudia Ramos Carioca
Vice-Reitor

Rosalina Semedo de Andrade Tavares
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Luma Nogueira de Andrade
Diretor do Instituto de Humanidades

Denise Ferreira da Costa Cruz
Coordenador do Curso de Bacharelado em Antropologia

Carlos Subuhana
Caroline Farias Leal Mendonça
Jacqueline Britto Pólvora
Michelle Cirne Ilges
Vera Regina Rodrigues da Silva
Comissão de Elaboração do Projeto Político Pedagógico

Lailson Ferreira da Silva
Bruno Goulart Machado Silva
Joanice Santos Conceição
Michelle Cirne Ilges
Rhuan Carlos dos Santos Lopes
Vera Regina Rodrigues da Silva
Núcleo Docente Estruturante

Identificação do Curso

Denominação do Curso:

Bacharelado em Antropologia

Endereço:
Rodovia CE 060, km 51 – Unidade Acadêmica dos Palmares
CEP.: 62785-000
Acarape – Ceará – Brasil

Duração do Curso:

Mínima: 3anos e meio

Máxima: 5 anos

Regime Letivo:

Seriado Semestral

Turnos de Oferta:

Noturno

Vagas Autorizadas:

80 vagas anuais

Carga horária:

2.460 horas

Título Acadêmico:

Bacharel em Antropologia

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO…….....…….6

2. JUSTIFICATIVA. …….....……..... 8

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR..... 9

3.1. Contexto Regional…….....…….....11

4. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS..... 12

4.1. Objetivos Gerais...…….....…….....11

4.2. Objetivos Específicos….....…….....…….....12

5. PERFIL DO PROFISSIONAL: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES..... 13

6. FORMAS DE INGRESSO.. 14

7. ESTRUTURA CURRICULAR..... 14

7.1. Critérios para o estabelecimento de disciplinas. …….....16

7.1.1. Disciplinas obrigatórias.....…….....…….....18

7.2. Conteúdos Curriculares….....…….....…….....19

7.2.1. Fluxo de Integração Curricular.....…….....20

7.2.2. Ementas e Bibliografias das Disciplinas…….....25

8. INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR.. 60

9. ATIVIDADES COMPLEMENTARES.. 61

10. ATIVIDADES DE EXTENSÃO..... 65

11. METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM..... 65

12. AVALIAÇÃO.. .... ……..... 65

12.1. Avaliação do Curso….....….....66

12.2. Da Aprendizagem.....…….....…….....66

12.3. Do Currículo....….....…….....…….....67

12.4. Da metodologia de avaliação do currículo…….....67

13. APOIO AO DISCENTE. .... ……..... 67

14. COLEGIADO DO CURSO DE ANTROPOLOGIA …….....74

14.1. Do Conceito do Colegiado do Curso…….....74

14.2. Da composição do Colegiado do Curso…....….....74

14.3. Das atribuições do Colegiado do Curso....…….....75

15. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE …….....…76

15.1. Descrição Conceitual e Atribuições.....…….....76

15.2. Da Constituição do Núcleo Docente Estruturante.....77

15.3. Da Titulação de Formação dos Docentes do NDE.....77

15.4. Do Regime e Trabalho dos Docentes do NDE.....77

15.5. Da Indicação e Mandato.....…….....77

15.6. Das Reuniões.....…….....77

16. COORDENAÇÃO DO CURSO DE ANTROPOLOGIA.. 78

17. INFRAESTRUTURA.. 79

18. ACESSIBILIDADE.. 79

19. COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. 80

20. REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO..... 82

21. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 90

22. REFERÊNCIAS NORMATIVAS.. 90

1. Apresentação

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira se insere em um contexto dinâmico marcado pela cooperação com países parceiros do continente africano e asiático. Essa configuração não só é representativa dos laços históricos partilhados, mas também e, principalmente, da perspectiva de um porvir que está se construindo nesse processo de integração e cooperação. Ao considerarmos este um processo de mão dupla, ou seja, em que o conhecimento gerado é marcado pelo diferencial que lhe confere as diretrizes da UNILAB, potencializará novos horizontes epistemológicos e a formação de quadros de professores/as e pesquisadores/as comprometidos com a realidade social que os cerca.

Nesse sentido, nos aliamos à perspectiva de Roberto Cardoso de Oliveira para quem o trabalho do antropólogo pode se dar em uma “fusão de horizontes” em que o

outro lado da moeda do fazer antropológico é a cidadania. Essa cidadania ressignifica a antropologia que outrora inserida nos processos de colonização, pode agora assumir uma nova demarcação teórica e metodológica dos sujeitos e contextos historicamente colonizados. Isso se traduz no lugar da antropologia hoje engajada em processos de, por exemplo, fortalecimento de identidades e diversidades, em contraposição aos aspectos fundantes da antropologia colonial. Esses são os caminhos já abertos por uma reflexão proveniente dos estudos pós-coloniais e da diáspora e de uma revisão crítica do fazer antropológico herdado pelo modelo eurocêntrico.

O Bacharel em antropologia da UNILAB será, assim, um sujeito formado em novos paradigmas de convivência e produção de conhecimento em que são valorizadas as experiências advindas dos diferentes contextos, de tecnologias sociais, locais, em diálogo com reflexões e ações críticas provenientes do diálogo sul-sul de uma universidade internacional, além fronteiras. Esse diálogo abrange temáticas como meio ambiente, desenvolvimento humano, economia solidária, saúde coletiva, identificação e fortalecimento das tradições, do patrimônio cultural, material e imaterial e saberes tradicionais. Nessa dinâmica se insere a antropologia nas diferentes esferas: regional (Maciço de Baturité) e internacional, a partir da parceria com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Diante deste cenário, portanto o bacharelado em Antropologia tem como eixos:

- Uma formação crítica e transformadora que se apresente para os estudantes a partir dos debates clássicos e contemporâneos, bem como do método de pesquisa etnográfica que permita ao aluno pensar e atuar criticamente na realidade social em que se insere.
- Uma formação teórica que trate da realidade brasileira, africana, timorense e da diáspora em geral, a partir das perspectivas afrocêntricas, pós-coloniais e plurais, que enfatizem os saberes locais, e os ditos subalternos e periféricos.

Nesse contexto, o curso de Bacharelado em Humanidades aprovado pela Resolução Nº 026-I/2013 de 21 de Novembro de 2013 da UNILAB, também possui a particularidade de ter sua gênese no Curso de Bacharelado em Antropologia da UNILAB como terminalidade constitutiva do segundo ciclo de formação profissional nos moldes estabelecidos pela Portaria nº 383 SESU/MEC.:

> Nesta conceptualização, o primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. Por seu turno, o segundo ciclo de estudos, de caráter opcional, estará dedicado à formação profissional em áreas específicas do conhecimento.

Partindo desse contexto, o curso de Bacharelado em Antropologia cumprirá seu papel de formação complementar em área específica, formando bacharéis em Antropologia compromissados com a reflexão das culturas e diversidades tanto em contexto locais, regionais, nacionais e internacionais.

O curso será ofertado na modalidade presencial no turno noturno em regime letivo semestral. E, terá duração mínima de três anos e meio e máxima de cinco anos equivalentes respectivamente a sete e dez semestres, com uma carga horária mínima composta de duas mil e quatrocentos horas para integralização conforme a PARECER CNE/CES Nº 8/2007 e Resolução CNE/CES 02/2007; sendo que 420 (quatrocentos e vinte) horas são aproveitadas e/ou cursadas no Curso de Bacharelado em Humanidades distribuídas da seguinte maneira: 120 (cento e vinte) horas do Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB e 300 (trezentos) horas do Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades (BHU).

Anualmente, serão ofertadas oitenta vagas (80), das quais, quarenta (40) terão a forma de ingresso que levará em consideração as normas institucionais internas para egressos de Cursos de Bacharelado em Humanidades UNILAB e graduados em Ciências Sociais, Ciências Humanas e áreas afins de outras IES; e quarenta (40) vagas ofertadas pelo ingresso via SISU. A forma de ingresso levará em consideração as normas internas

para egressos do Curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB e graduados em Ciências Sociais, Ciências Humanas e áreas afins.

2. Justificativa

O curso de graduação em antropologia vem sendo uma realidade no cenário brasileiro desde os anos 1990, a partir das iniciativas da Associação Brasileira de Antropologia para a expansão do ensino em nível de graduação e pós-graduação e da reflexão quanto ao lugar da formação antropológica no âmbito das ciências sociais e de sua inserção profissional (Tavares *et al*, 2010). O primeiro curso de graduação foi implantado em 2005, na Universidade Católica de Goiás (UCG), no *Campus* Benjamin Constant. A partir de então, outros cursos foram criados: na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no *Campus* Rio Tinto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal de Santa Catarina. Até então, a formação do antropólogo era realizada em nível de mestrado e doutorado, no interior de dezessete programas de pós-graduação em todo o país, sendo cinco no Nordeste (UFBA, UFRN, UFPE, FUFSE e FUFPI), 1 no Norte (UFAM), 2 no Centro Oeste (UnB e UFG), 3 no Sul (UFSC, UFRGS e UFPR) e 6 no Sudeste (UFMG, UFF, UFRJ, UFSCAR, UNICAMP, USP). No entanto, é na graduação que se estabelecem os fundamentos teóricos e metodológicos do futuro profissional. Por essa razão, temos entre nossas metas estabelecer iniciativas de aprimoramento do curso. Por exemplo, viabilizar a tradução de textos antropológicos para a língua portuguesa tornando-os cada vez mais acessíveis ao corpo discente e fonte de contribuição teórica.

Essa proposta se coaduna com o contexto regional, se atentarmos para o fato de que o Ceará mantém uma tradição de estudos antropológicos desde o século XIX, pautado pelo diálogo com as outras áreas das ciências humanas como os estudos históricos, sociológicos e políticos promovidos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento sensíveis às chamadas questões sociais. No entanto, tais questões são discutidas e transmitidas a partir de profissionais de formações variadas agrupados no campo das ciências sociais, tanto na Universidade Federal do Ceará (UFC) como na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), inexistindo ainda uma formação propriamente antropológica tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação.

Para além de promover a expansão do ensino na região, a UNILAB se insere nesse processo de desenvolvimento da antropologia no Brasil a partir de uma formação conectada com a interiorização do ensino superior público, que expande a sua rede para

fora dos grandes centros econômicos. Localizada na cidade de Redenção, interior do Estado, a UNILAB concentra seus esforços no sentido de melhorar as condições de vida da população do entorno, em especial do Maciço de Baturité. Por outro lado, o curso de Antropologia também considera o diálogo e cooperação internacional com os países de Língua Oficial Portuguesa, propondo-se a garantir aos alunos estrangeiros uma formação sólida em teoria antropológica para a formação dos futuros profissionais de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

3. Contextualização da Instituição de Ensino Superior

O Projeto de Lei Nº 3.891, que dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, foi encaminhado ao Congresso Nacional no dia 25 de julho de 2008, pelo então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. Após a aprovação da redação final do Projeto de Lei N°3.891/08 pelo plenário da Câmara de Deputados, em maio de 2010, a matéria foi encaminhada ao Senado Federal, onde foi aprovada pelas Comissões de Constituição e Justiça e de Relações Exteriores, no dia 07 de julho de 2010. No dia 20 de julho de 2010, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, Luiz Inácio Lula da Silva sanciona a Lei Nº 12.289, que garante a criação da segunda universidade federal do estado do Ceará, a UNILAB.

De acordo com a legislação, a UNILAB tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

O Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNILAB está vocacionado para a cooperação internacional solidária, principalmente, com países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), com ênfase nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tais como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, e o Timor Leste.

A UNILAB tem como missão institucional produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa – especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente – por meio da formação

de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e compromissados com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente, conforme as diretrizes gerais da UNILAB, de julho de 2010.

A UNILAB, atualmente, encontra-se dividida em nove institutos: Ciências Sociais Aplicadas (ICSA); Ciências Exatas e da Natureza (ICEN); Humanidades (IH); Humanidades e Letras (IHL – Malês); Letras e Linguagens (ILL), Ciências da Saúde (ICS); Desenvolvimento Rural (IDR) e Engenharia e Desenvolvimento Sustentável (IEDS); Educação a Distância (IEAD)

Nestes institutos são ofertados, atualmente, vinte e três cursos presenciais de graduação, divididos em licenciaturas e bacharelados.

Licenciaturas: Ciências Biológicas, Física, Matemática, Química, História (Licenciatura – Ceará e Malês), Pedagogia (Licenciatura – Ceará e Malês), Sociologia, Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa).

Bacharelados: Antropologia, Bacharelado em Humanidades (Ceará e Malês), Administração Pública, Agronomia, Engenharia da Computação, Engenharia de Energias, Enfermagem, Farmácia, Relações Internacionais, Serviço Social. Além do curso de Administração Pública na modalidade à distância.

No âmbito da Pós-Graduação são ofertados os seguintes cursos a nível stricto-sensu, mestrado: Mestrado Acadêmico em Energia e Ambiente; Mestrado Acadêmico em Enfermagem – MAENF; Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem; Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagem: Contextos Lusófonos Brasil-África; Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS; Mestrado Associado em Antropologia PPGA UFC-UNILAB; Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH; Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (associação com IFCE); Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT. A nível *latu sensu*, especialização, são ofertados os seguintes cursos: Especialização em Sistemas Agrícolas Sustentáveis do Semiárido, presencial; e na modalidade à distância, Ciência é 10!; Gênero, Diversidade e Direitos Humanos; Gestão em Saúde; Gestão Pública; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

O presente documento, nesse sentido, atende à Resolução n. 17 CNE/CES de 17 de março de 2002, que "estabelece diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia", publicada no Diário Oficial da União de 09 de abril de 2002, Seção 1, p. 34. O curso de Antropologia segue o princípio de uma antropologia que enfatiza os estudos africanos e de sua diáspora como plataforma de conhecimento descentralizadora das matrizes eurocêntricas. Desta forma, visa o

deslocamento do conhecimento antropológico para as populações periféricas do mundo global (África e Ásia), ao mesmo tempo em que sublinha a relevância dos estudos sobre estas minorias negras e ameríndias em nível local.

3.1 Contexto Regional

As atividades administrativas e acadêmicas da UNILAB se concentram nos Estados brasileiros do Ceará e da Bahia. No Ceará, a universidade conta com unidades nos municípios de Redenção e Acarape, região do Maciço de Baturité. Na Bahia, a UNILAB está presente no município de São Francisco do Conde, região do Recôncavo Baiano.

A região do Maciço do Baturité está localizada no sertão central do estado, (localizada na região centro-norte do estado) distante aproximadamente 60 km de Fortaleza. É formada pelos municípios de Palmácia, Pacoti, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Baturité, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Redenção, Acarape, Ocara e Barreira. Possui uma área de 3.709 km². A população do Maciço do Baturité conta com 210.317 habitantes, sendo 94.974 pessoas (45,16%) na zona urbana e 115.343 pessoas (54,84%) na zona rural. (MDA/SDT/CONSAD,2010). Nesta região estão situados os povos indígenas Kanindé, Jenipapo Kanindé, Pitaguari e o quilombo Serra do Evaristo. E há presença de Povos e ou Comunidades Tradicionais (PNPCT), de acordo com o Decreto nº 6.040/2007como ciganos, agricultores, matriz africana, entre outros que precisam ser mapeados.

Segundo os indicadores sociais de referência da Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPLAG, 2011), o desenvolvimento econômico e infraestrutura apresenta: baixo nível de escolaridade dos agricultores, deficiência na oferta de assistência técnica, reduzido apoio de políticas públicas para a comercialização, indefinição nas questões de regularização fundiária, carência de agroindústrias locais, reduzido apoio e capacitação aos empreendimentos familiares, condições precárias das estradas inter-regionais e vicinais que dificultam ou mesmo impedem o escoamento da produção, degradação ambiental, uso exagerado de agrotóxicos, provocando poluição dos rios, lagoas, degradação do solo, problemas de saúde nos agricultores e consumidores, baixo aproveitamento do potencial da cana-de-açúcar, mamona, gergelim, pinhão manso, carência de mão de obra especializada (hotelaria, gastronomia, ecoturismo, turismo rural, cultural e religioso).

No que se refere ao desenvolvimento social, os dados apontam: existência de graves carências quanto à oferta dos serviços de saúde na região, atendimento da demanda

reprimida para a assistência hospitalar e ambulatorial, falta de assistência psicossocial para a faixa etária infanto-juvenil, insuficiência na oferta de medicamentos alopáticos e fitoterápicos, ausência de laboratórios de análises clínicas para realização de biópsia, carência de qualificação profissional na área de educação e demais áreas, evasão escolar e baixo índice de aprovação, fragilidade dos sistemas de garantia do direito da criança e do adolescente, migração da juventude para os grandes centros urbanos, pela falta de oportunidade nas áreas de profissionalização e geração de renda, sistema de saneamento básico deficitário, falta de sensibilização e conscientização da população de como lidar com a produção e destino do lixo (SEPLAG, 2011: 46-47).

Vale ressaltar que o contexto natural da região, marcado pela presença significativa de reserva de Mata Atlântica, com expressiva biodiversidade e, grande beleza natural que tem estimulado ao longo dos anos o turismo local/regional. Além disso, a primeira e maior área de proteção ambiental do Estado abrangendo cerca de 32.690 hectares, APA do Maciço de Baturité, está localizada nesse mesmo território. Ainda podemos encontrar mais duas áreas de preservação permanente, a APA do Rio Pacoti e o Corredor Ecológico do Rio Pacoti. Na atualidade, um dos grandes desafios regionais é a construção de políticas públicas que conciliem o desenvolvimento e a sustentabilidade, na busca de manutenção do equilíbrio socioambiental.

O Maciço do Baturité é carente de instituições científico-acadêmicas e da presença do Governo federal, sendo também ausente na região a oferta de formação em nível de pós-graduação. Diante deste cenário a universidade tem contribuído para atualizar e dinamizar o plano de desenvolvimento da região, com repercussão no seu entorno e em articulação com o Governo do Estado do Ceará - por meio da Secretaria das Cidades e do Planejamento e Gestão, da Agência de Desenvolvimento do Estado Ceará (ADECE) e de Secretarias setoriais, assim como de prefeituras municipais por meio de seus titulares e da Associação dos Municípios do Maciço do Baturité, com suporte do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

4. Objetivos Gerais e Específicos

O Curso de Bacharelado em Antropologia objetiva formar quadros profissionais habilitados ao exercício da pesquisa dentro dos parâmetros científicos e éticos do campo antropológico. Em consonância com essa perspectiva, nosso curso tem fomentando uma produção de conhecimento alicerçada na pluralidade de saberes advindos de sujeitos oriundos do contexto nacional e internacional, em consonância com o Parecer CNE/CES n. 492/2001.

4.1 Objetivos Gerais

- Oferecer um curso de graduação em Antropologia que forme profissionais críticos, competentes na tradição teórico-metodológica antropológica;
- Oferecer uma formação sensível as realidades dos países africanos de língua oficial portuguesa, Ásia (Timor Leste) e Brasil (Maciço de Baturité);
- Formar pesquisadores que respondam às demandas de cunho antropológico e sociais nos diferentes contextos.

4.2 Objetivos Específicos

- Formar bacharéis em Antropologia capazes de planejar e desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão;

- Formar bacharéis capazes de refletir criticamente problemas sociais das diferentes realidades apresentadas e participar das políticas públicas;
- Contribuir na formação de bacharéis em Antropologia com perspectiva interdisciplinar.

5. Perfil do profissional: competências e habilidades

O antropólogo é o profissional habilitado a trabalhar nas várias instituições públicas ou privadas, cuja função exija conhecimentos teóricos e metodológicos específicos da antropologia. Estes conhecimentos dizem respeito à compreensão da diversidade cultural dos grupos humanos a partir de suas manifestações locais. Assim, o Bacharel em Antropologia é o profissional cujas habilidades são a investigação das realidades sociais, planejamento, condução e avaliação de políticas públicas e projetos que digam respeito ao respeito e preservação das diversidades culturais, tendo como referência o Parecer CNE/CES n. 492/2001.

Desta forma, delineia-se o perfil do egresso do bacharel em antropologia enquanto profissional, cujas habilidades são:

- compreender teoricamente a diversidade das sociedades humanas manifesta em nível local;
- planejar, conduzir, realizar e avaliar pesquisas que digam respeito às políticas públicas de preservação e garantia de direitos da diversidade dos grupos sociais;
- subsidiar organizações públicas e privadas através de laudos, diagnósticos, relatórios e outros documentos que respondam a demandas de grupos sociais;
- atuar em instituições públicas e privadas, como museus, institutos de pesquisa e similares, que atuem na criação e preservação de acervos vinculados à memória e produção cultural de grupos sociais;
- ingressar na Pós-Graduação, a partir da qualificação obtida no Bacharelado, e com isso, aprimorar e enriquecer a produção teórica da antropologia e das Ciências Sociais e Humanas brasileiras e africanas.

O profissional da Antropologia egresso do curso, terá competências e habilidades para atuar em instituições de ensino, de pesquisa (institutos, ONGs), em órgãos públicos, bem como em instituições de assessoria e consultoria a órgãos de gestão e promoção de políticas públicas como consta no Parecer CNE/CES 492/2001 e RESOLUÇÃO CNE/CES 17, DE 13 DE MARÇO DE 2002.

Além disso, terá como competências o domínio teórico e metodológico para colaborar na formulação de laudos antropológicos e ou sócio ambientais, quando solicitados. Poderá atuar no setor público e/ou privado, sempre que as demandas forem de cunho antropológico ou com interesses relativos à vasta área de atuação da antropologia (cultura, identidade, memória, povos tradicionais, patrimônio, meio ambiente, dentre outras).

6. Formas de Ingresso

O curso de Graduação em Antropologia (Bacharelado) iniciou em agosto de 2014. É um curso de regime acadêmico semestral, de acordo com as diretrizes da UNILAB, totalizando 2460 horas (Resolução CES nº 2, 18 junho de 2007). A duração prevista para a integralização curricular é de sete (07) períodos letivos (3 anos e meio), e duração máxima de dez (10) períodos letivos (5 anos).

O curso irá receber estudantes egressos do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades que optarem pela terminalidade nesta área bem como estudantes egressos do Ensino Médio através da entrada via Sistema de Seleção Unificado (SISU), organizado pelo Ministério da Educação duas vezes ao ano, a partir da Resolução no. 22/Conselho Superior Pro Tempore, de 11 de novembro de 2011, que dispõe sobre a adoção do ENEM e do SISU. No primeiro caso, a seleção é realizada pela Pró-reitoria de graduação (PROGRAD). São oferecidas oitenta (80) vagas anuais no turno noturno. Sendo quarenta (40) vagas tendo a entrada via edital ofertado pela PROGRAD da UNILAB e quarenta (40) vagas ofertadas através do SISU.

7. Integralização Curricular

Em cumprimento ao que estabelece a *Resolução* Parecer CNE/CES n. 08/2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil, e em conformidade com o que orienta o *Parecer CNE/CES nº. 136*, de 4 de junho de 2003, que trata da orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação, os estudantes do Curso de Bacharelado em Antropologia com ingresso a partir de 2014 via edital PROGRAD/UNILAB ou SISU terão que cumprir a carga horária mínima de 2.460 horas, sendo 240 horas Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB, 180 horas Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades (cumprido ao longo do BHU), 420 horas Núcleo de Antropologia, 840 horas Núcleo de Formação Complementar, 180 horas de Trabalho de Conclusão de Curso; 120 horas Núcleo de Formação Livre (Optativo), 120 horas Núcleo de Formação Livre (Eletivo), 240 horas Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária, 120 horas Atividades Complementares.

Vale ressaltar que de até 20% da carga horária total do curso poderá ser ofertada na modalidade à distância, conforme Portaria n.º 2117/2019.

Além disso, as temáticas relacionadas à História e à Cultura Afro-Brasileira, em conformidade com a Resolução CNE/CP n.º 01, de 17 de junho de 2004, são abordadas pelos componentes curriculares: antropologia das populações afro-brasileiras, teoria da diáspora, feminismo africanos, negros e contra hegemônicos.

Os conteúdos relacionados ao debate sobre os Direitos Humanos, segundo Resolução CNE/CP n.º 01, de 30 de maio de 2012, estão presentes nos componentes: Sociedade, diferença e direitos humanos nos espaços lusófonos e antropologia, movimento sociais e direitos humanos.

E, os conteúdos que contemplam os debates sobre questões ambientais, conforme Resolução CNE/CP n.º 02, de 15 de junho de 2012 estão colocados na ementa do componente curricular, antropologia das populações tradicionais e ecologia política.

Aos estudantes com ingresso a partir de 2014 exige-se a apresentação, com sucesso, perante banca de três professores de acordo com a RESOLUÇÃO N° 11/2017/CONSUNI, DE 02 DE MAIO DE 2017 (que reeditou com alterações a Resolução N° 14/2016/CONSUNI, que estabeleceu as normas gerais para a elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasilera, Unilab), de um Trabalho de Conclusão de Curso, monografia, desenvolvido sob a orientação de um professor orientador, em procedimento regulamentado pelo **Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** estabelecido neste documento.

Os casos não contemplados nas situações acima serão estudados individualmente pela Comissão Permanente de Acompanhamento e Avaliação do Currículo, formada pelo Colegiado do Curso de Antropologia.

8. Estrutura curricular

Na perspectiva da cooperação solidária e no dimensionamento das ações acadêmico-administrativas estabelecidas nas diretrizes da UNILAB, o curso adota os paradigmas da contemporaneidade para a formação do bacharelado em Antropologia, buscando promover o intercâmbio cultural, científico e educacional em sintonia com as demandas do Brasil e dos países envolvidos no projeto da universidade.

O curso ainda considera os principais elementos que compõe a formação em nível superior no século XXI, respaldados pelos programas e documentos educacionais estabelecidos pela comunidade internacional em diversas conferências, tais como: Programa “Educação para Todos” definido na Conferência Mundial de Educação para Todos - Jomtiem, Tailândia, 1990; Objetivos de “Desenvolvimento do Milênio” definido durante reunião da Cúpula do Milênio, promovida pela ONU em Nova York, no ano 2000; Nova Parceria para o Desenvolvimento de África, da União

Africana; Plano de Ação da Segunda Década de Educação em África (2006-2015), adotado pelos Ministros da Educação da União Africana, em Maputo, em 2006; Declaração de Abuja, adotada na Primeira Cúpula América do Sul-África (ASA) realizada na Nigéria, em 2006; Conferência Regional de Educação Superior (CRES, 2008) – realizada pela UNESCO em Cartagena de Índias; Conferência Africana sobre Educação Superior (CAES, 2008) – realizada pela UNESCO em Dakar, 2008; Conferência Mundial de Educação Superior (CMES, 2009), realizada pela UNESCO em Paris, 2009.

Este conjunto de eventos não só estabelece diretrizes internacionais e responsabilidades dos demais países para com a África, como também destaca a importância da educação superior na promoção do desenvolvimento econômico e social, a promoção da pesquisa em todos os campos, em particular nos domínios da ciência, da tecnologia e da inovação.

Este projeto pedagógico do Curso de Graduação em Antropologia apresenta como um dos principais objetivos o de oferecer um ensino de antropologia pautado por uma formação sólida em conhecimentos dessa área particular das ciências sociais e humanas acrescido das especificidades de uma instituição como a UNILAB. Nesse sentido, e a partir das discussões dos docentes que constituíram a Comissão para elaboração do PPC em Antropologia, Portaria GR nº 416/2013 de 29 de julho de 2013, construiu-se um modelo de curso modular, por crédito, tendo como base a literatura clássica pautada na história da antropologia de diferentes contextos nacionais, em especial, as produções etnográficas sobre e a partir do Brasil e dos países do continente africano – sendo estas regiões fontes primordiais de muitos e variados estudos antropológicos.

Dessa forma o eixo de formação específica está organizado da seguinte maneira:

Nesse eixo encontram-se as seguintes disciplinas: Teoria Antropológica I, Teoria Antropológica II e Teoria Antropológica III; Metodologia de Pesquisa Antropológica; TCC I e TCC II. E, Integrando a formação antropológica clássica apresenta-se o conhecimento sobre a África e a diáspora a partir de teorias que discutem a formação do pensamento negro e africano, pós-colonial e plural, composto pelas disciplinas: Teoria da Diáspora e Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais.

No eixo de formação complementar o Bacharelado em Antropologia também oferece componentes curriculares os quais articulam a formação teórica e as realidades sociais, distribuídos nas disciplinas: Estudos de África Pré-Colonial; Estudos de África Colonial; Estudo de África Pós-Colonial; Patrimônio Cultural; Antropologia das Populações Afro-Brasileiras; Antropologia das Populações Indígenas; Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política; Antropologia, Movimentos Sociais e Direitos Humanos; Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais; Gênero, Famílias e Sexualidades, Antropologia da Religião, Feminismos africanos, negros e contra hegemônicos, Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas, Campos de atuação da antropologia.

O Bacharelado em Antropologia oferece um terceiro eixo com componentes de Formação Livre, composto de optativos e eletivos, à escolha do/as discentes. As disciplinas optativas são

aquelas oferecidas em caráter pontual pelo corpo docente do Bacharelado em Antropologia, que oferecerá questões e temáticas marcadas pelo contexto social, cultural e político do presente. Nelas se agrupam conhecimentos aglutinadores das problemáticas sociais contemporâneas.

As disciplinas eletivas são aquelas que o corpo discente poderá eleger em outras áreas do Instituto de Humanidades - IH (Sociologia, História, Pedagogia), ou em outros cursos oferecidos na UNILAB, visando aprofundar uma área de conhecimento de preferência do/a estudante.

As demais atividades, complementares obrigatórias e de extensão curricular obrigatória também compõem o eixo de Formação Livre, propostas como carga horária têm como objetivo responder às expectativas da comunidade acadêmica da UNILAB no que tange à multiplicidade de saberes, a uma formação interdisciplinar e à indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão no processo formativo dos docentes, tal qual previsto na Resolução 024/2011 da UNILAB.

8.1. Critérios para o estabelecimento das disciplinas

O bacharelado em Antropologia da UNILAB constitui uma segunda etapa de formação ao Bacharelado em Humanidades complementando esse primeiro ciclo e oferecendo um aprofundamento na área específica da Antropologia. Desta forma, os critérios para o estabelecimento das disciplinas deste Bacharelado são definidos a partir da formação anterior do corpo discente no BHU e, portanto, acrescentam aos eixos formativos específicos da disciplina antropológica e dos estudos afrocêntricos, pós-coloniais e plurais.

A ênfase curricular em disciplinas antropológicas voltadas ao pensamento antropológico afrocêntrico, pós-colonial e plural obedece ao perfil institucional onde está sendo ministrado. O Bacharelado em Antropologia da UNILAB é o primeiro do Ceará e, portanto, responde à dupla responsabilidade social de expor ao debate tanto a multiculturalidade presente no fluxo de imigrantes oriundos do continente africano, quanto à História do Estado, marcada por tentativas de invisibilização da presença negra. Neste sentido, o debate intelectual do ponto de vista afrocêntrico e da diáspora é entendido aqui enquanto uma realidade múltipla de situações sociais, culturais e políticas enfrentadas pela população africana e afrodescendente pelo mundo, portanto, é um pensamento que surge inspirado em vários lugares e atinge muitas direções. É esta a pluralidade de identidades afrodescendentes presentes pelo mundo, e no Ceará em particular, que a ênfase das teorias diaspóricas deste Bacharelado quer abarcar.

Por outro lado, a UNILAB "é vocacionada para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, fundamentando suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos". Sendo assim, o estudo dos pensamentos afrocêntricos, diaspóricos, pós coloniais e plurais responde à vocação da universidade,

acima citada. Também, é dado que os estudantes da UNILAB – e do Bacharelado em Humanidades em especial são oriundos do continente africano. Assim, a ênfase curricular do Bacharelado em Antropologia responde à necessidade de ler, conhecer, discutir e analisar os autores que pensaram e pensam as realidades sociais a partir destes paradigmas. Tais teorias incorporam estudos que procurem refletir sobre a condição pós-colonial como um recurso crítico para pensar a estrutura epistemológica das ciências humanas, estrutura essa moldada por padrões ocidentais que se tornaram globalmente hegemônicos devido ao fato histórico do colonialismo.

Nesse sentido, propõe-se o compartilhamento de conhecimentos que incorporem essa herança crítica sob a forma de uma prática interdisciplinar, aberta ao diálogo com a filosofia, história, estudos literários, sociologia e ciência política. Assim, serão agregadas propostas teóricas de africanistas antropólogos, cientistas sociais e das humanidades não-africanos e no contexto da colonização, mas que influenciaram o pensamento sobre África, portanto, influenciaram os pensamentos sobre a diáspora. Finalmente, o estudo destes autores pretende oferecer outra versão para a tradição eurocêntrica da antropologia, inclusive para a leitura da realidade dos países africanos tradicionalmente lidos e teorizados a partir destes estudos.

8.1.1. Núcleos de formação

Os núcleos de formação têm um caráter teórico, metodológico ou etnográfico e que definem a formação do antropólogo dentro de uma perspectiva da história da antropologia no Brasil. Para além destas, incluímos o núcleo comum obrigatório da UNILAB e as voltadas para uma formação de conhecimento em humanidades; ofertadas pelo curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) e aproveitadas e/ou cursadas pelos (as) discentes ao longo do curso para fins de integralização.

- aquelas que abordem problemas, temas e processos da perspectiva africana e diaspórica manifestando a diversidade de experiências humanas fundamentais para além dos cânones fundamentais eurocêntricos.
- aquelas que possibilitem a problematização, a desconstrução e a intepretação da história e dos modos de produção de saberes coloniais ou marcadas por relações de poder e desigualdade.
- aquelas que permitam ao aluno compreender e articular conhecimentos metodológicos.
- aquelas que promovam o desenvolvimento da autonomia intelectual, tais como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Núcleo comum obrigatória da UNILAB (03): Leitura e Produção de Texto 1, Leitura e Produção de Texto 2, Inserção à Vida Universitária, Iniciação ao Pensamento Científico: problematizações e epistemologias e Sociedade, Diferença e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos.

Núcleo comum obrigatório de conhecimento em humanidades (BHU): Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades, Identidade e Poder e Território e Poder.

Núcleo de formação específica (09) as que correspondem ao desenvolvimento teórico da Antropologia em sua base clássica, na experiência africana e diaspórica e nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Concebe-se, assim: Introdução à Antropologia, Teoria Antropológica I, Teoria Antropológica II e Teoria Antropológica III; Teorias da Diáspora, Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, Metodologia de Pesquisa Antropológica; TCC I e TCC II.

Núcleo de formação complementar (14) aquelas que expressam as ênfases temáticas e as perspectivas teóricas consonantes com os eixos estruturantes do projeto pedagógico: Estudos de África Pré-Colonial; Estudos de África Colonial; Estudo de África Pós-Colonial; Patrimônio Cultural; Antropologia das Populações Afro-Brasileiras; Antropologia das Populações Indígenas; Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política; Antropologia, Movimentos Sociais e Direitos Humanos; Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais; Gênero, Famílias e Sexualidades, Antropologia da Religião, Feminismos africanos, negros e contra hegemônicos, Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas, Campos de atuação da antropologia.

O Núcleo de formação livre está dividido em:

Componentes curriculares optativos (02) são aquelas de caráter temático que permitem a apresentação e o aprofundamento de problemas antropológicos e temas à escolha do aluno: Antropoceno e emergência climática (possibilidades desde a antropologia); Antropologia Brasileira; Antropologia da ciência e da tecnologia; Antropologia da Educação; Antropologia de/em África; Antropologia do corpo e da saúde; Antropologia e fazeres etnográficos; Antropologias emergentes; Antropologia e política; Antropologia, literatura e narrativas contra-hegemônicas; Antropologia, movimentos sociais e gênero; Antropologia urbana; Cidades sob a perspectiva de raça e gênero; Estudos de África atemporal; Estado, empresas, organismos internacionais e populações; Estudos sociais da ciência e da tecnologia; Gêneros, famílias e masculinidades; Intelectuais negras nas ciências sociais; Introdução à arqueologia; Laudos antropológicos; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Mestra(e)s das culturas e o encontro de saberes; Nacionalismo e Pensamento Africano contemporâneo; Organizações Negras Brasileiras; Temáticas Antropológicas Contemporâneas.

Componentes curriculares eletivos (02) aquelas que os/as estudantes podem eleger em outras áreas do Instituto de Humanidades - IH (Sociologia, História, Pedagogia), ou em outros cursos oferecidos na UNILAB, visando aprofundar uma área de conhecimento de preferência do/a estudante abrindo espaço para o diálogo interdisciplinar.

8.2 Conteúdos curriculares

Os conteúdos curriculares estão distribuídos em:

- Núcleo Comum Obrigatório da UNILAB: 5 componentes curriculares, 240 horas.
- Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades (BHU): 3 componentes curriculares,180 horas.
- Núcleo Obrigatório de Antropologia: 07 componentes curriculares, 600horas (420 + 2TCC = 180).
- Núcleo Obrigatório Complementar de Antropologia: 14 componentes curriculares, 840 horas.
- Núcleo Optativas: 02 componentes curriculares,120 horas.
- Núcleo Eletivas: 02 componentes curriculares,, 120 horas.
- Atividades Complementares (Formação Livre): 120 horas, 5% da carga horária.

8.2.1 Fluxo de Integração Curricular

O fluxo de Integração Curricular do Bacharelado em Antropologia é de 2.460 (duas mil e quatrocentas) horas-aula[1] distribuídas em Matriz Curricular Semestral, da seguinte maneira:

1º Semestre						
Código	Componente Curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	Introdução à Antropologia	60	0		Não	IH
	Leitura e produção de texto 1	60	0		Não	IH
	Inserção a Vida Universitária	15	0		Não	IH
	Introdução ao Pensamento Científico	45	0		Não	IH
	Sociedade, diferença e direitos humanos nos espaços lusófonos	60	0		Não	IH
	Patrimônio Cultural	40	20		Não	IH
	Carga Horária do Semestre					300h/a
2º Semestre						
Código	Componente Curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	Teoria Antropológica I	60	0		Introdução à Antropologia	IH
	Teoria da Diáspora	60	0		Não	IH
	Estudos de África Pré-Colonial	60	0		Não	IH
	Antropologia das populações afro-brasileiras	60	0		Não	IH

[1] Esta carga horária foi fixada de acordo com o que estabelece a *Resolução CNE/CES nº. 2, DE 18/6/2007*, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e à duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil.

	Metodologia Interdisciplinar em Humanidades	60	0		Não	IHL
	Leitura e produção de texto 2	60	0		Leitura e produção de texto 1	IH
	Carga Horária do Semestre					360 h/a
3º Semestre						
Código	Componente curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	Teoria Antropológica II	60	0		TAI	IH
	Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais	60	0		Não	IH
	Estudos de África Colonial	60	0		Não	IH
	Antropologia das populações indígenas	60	0		Não	IH
	Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política	60	0		Não	IHL
	Carga Horária do Semestre					300 h/a
4º Semestre						
Código	Componente Curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	Teoria Antropológica III	60	0		TA II	IH
	Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais	60	0		Não	IH
	Estudos de África Pós-Colonial	60	0		Não	IH
	Antropologia, movimentos sociais e direito humanos	60	0		Não	IH
	Gênero, famílias e sexualidades	60	0		Não	IH
	Carga Horária do Semestre					300 h/a
5º Semestre						
Código	Componente Curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	Metodologia de Pesquisa Antropológica	60	0		TA III	IH
	Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas	60	0		Não	IH
	Experiência, Prática e Significado	60			Não	IH
	Campos de atuação da antropologia	60			Não	IH
	Antropologia da religião	60			Não	IH
	Carga Horária do Semestre					300 h/a
6º Semestre						
Código	Componente Curricular	CH		Código	Pré-Requisito	Unidade
		Teórica	Prática			
	TCC I	90	0		Met. de Pesquisa Antropológica	IH

	Feminismos africanos, negros e contra hegemônicos	60	0		Não	IH
	Território e poder	60	0		Não	IH
	Eletiva I	60	0		Não	IH
	Optativa I	60	0		Não	IH
	Carga Horária do Semestre					330 h/a
7º Semestre						
		CH				
Código	Componente Curricular	Teórica	Prática	Código	Pré-Requisito	Unidade
	TCC II	90	0		TCC I	IH
	Eletiva II	60	0		Não	IH
	Optativa II	60	0		Não	IH
	Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária	240				
	Atividades Complementares	120				
	Carga Horária do Semestre					570 h/a
TOTAL						2460 h/a

Quadro: Integralização Curricular

Núcleo Comum Obrigatório da UNILAB (240 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Inserção à Vida Universitária	15		Não	IH
	Iniciação ao Pensamento Científico	45		Não	IH
	Sociedade, Diferença e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos	60		Não	IH
	Leitura e Produção de Texto 1	60		Não	IH
	Leitura e produção de texto 2	60		Leitura e produção de texto 1	IH
Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades (BHU) (180 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Metodologia da Pesquisa Interdisciplina em Humanidades	60		Não	IH
	Identidade e Poder	60		Não	IH
	Território e Poder	60		Não	IH
Núcleo Obrigatório da Antropologia (420 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Introdução à Antropologia	60		Não	IH
	Teoria Antropológica I	60		IA	IH
	Teoria Antropológica II	60		TA I	IH
	Teoria Antropológica III	60		TA II	IH
	Metodologia de Pesquisa Antropológica	60		TA III	
	Teoria da Diáspora	60		Não	IH
	Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais	60		Não	IH
Núcleo Obrigatório Complementar da Antropologia (840 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Estudos de África Pré-Colonial	60		Não	IH
	Estudos de África Colonial	60		EA PC	IH
	Estudos de África Pós-Colonial	60		EA C	IH
	Patrimônio Cultural	60		Não	IH
	Antropologia das Populações Afro-Brasileiras	60		Não	IH
	Antropologia das Populações Indígenas	60		Não	IH
	Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política	60		Não	IH
	Antropologia, Movimentos Sociais e Direitos Humanos	60		Não	IH
	Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais	60		Não	IH
	Gênero, Famílias e Sexualidades	60		Não	

	Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas	60		Não	IH
	Campos de atuação da antropologia	60		Não	IH
	Antropologia da Religião	60		Não	IH
	Feminismos africanos, negros e contra hegemônicos	60		Não	IH
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (180 h/a)					
	TCC I	90		Met. de Pes. Antropológica	IH
	TCC II	90		TCC I	IH
Núcleo Optativas (120 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Optativa I	60		Não	IH
	Optativa II	60		Não	IH
Núcleo Eletivo (120 h/a)					
Código	Disciplina	CH	Código	Pré-Requisito	Unidade
	Eletiva I	60			
	Eletiva II	60			
Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária (240 h/a)					
Atividades Complementares (120 h/a)					CH
	Bloco I				40
	Bloco II				40
	Bloco III				40
Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária (240 h/a)					CH
TOTAL					**2.460h/a**

Quadro: Resumo da Matriz Curricular

Resumo da Matriz Curricular		
	Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB	240h/a
	Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades (cumprido ao longo do BHU)	180h/a
	Núcleo de Formação Específica	420h/a
	Núcleo de Formação Complementar	840h/a
	TCC- Trabalho de Conclusão de Curso	180h/a
	Núcleo de Formação Livre (Optativo)	120h/a
	Núcleo de Formação Livre (Eletivo)	120h/a
	Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária	240h/a
	Atividades Complementares	120h/a
	Carga Horária Total	**2460h/a**

1º ANO		2º ANO		3º ANO		4º ANO
1º SEM	2º SEM	3º SEM	4º SEM	5º SEM	6º SEM	7º SEM
Introdução à antropologia (60h/a)	Teoria Antropológica I (60h)	Teoria Antropológica II (60h/a)	Teoria Antropológica III (60h/a)	Metodologia de Pesquisa Antropológica (60h/a)	TCC I (90h/a)	TCC II (90h/a)
Leitura e produção textual 1 (60h/a)	Teoria da diáspora (60h/a)	Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (60h/a)	Política, poder, Estados nacionais e transnacionais (60h/a)	Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas (60h/a)	Feminismos africanos, negros, e contra hegemônicos (60h/a)	Eletiva (60h/a)
Inserção à Vida Universitária (15h/a)	Estudos de África pré-colonial (60h/a)	Estudos de África colonial (60h/a)	Estudos de África pós-colonial (60h/a)	Campos de atuação da antropologia (60h/a)	Território e Poder (60h/a)	Optativa (60h/a)
Iniciação ao Pensamento Científico (45h/a)	Antropologia das populações afro-brasileiras (60h/a)	Antropologia das populações indígenas (60h/a)	Antropologia, Movimentos Sociais e Direitos Humanos (60h/a)	Antropologia da religião (60h/a)	Eletiva (60h/a)	Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária (240h/a)
Sociedade, Diferença e Direitos humanos nos Espaços Lusófonos (60h/a)	Metodologia Interdisciplinar em Humanidades (60h/a)	Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política (60h/a)	Gênero, Famílias e Sexualidades (60h/a)	Identidade e Poder (60h/a)	Optativa (60h/a)	Atividades Complementares (120h/a)
Patrimônio Cultural (60h/a)	Leitura e produção textual 2 (60h/a)					
CARGA HORÁRIO TOTAL POR PERÍODO						
1º SEM	2º SEM	3º SEM	4º SEM	5º SEM	6º SEM	7º SEM
300h/a	**360h/a**	**300h/a**	**300h/a**	**300h/a**	**330h/a**	**570h/a**

Quadro: FLUXOGRAMA (QUADRO ÚNICO)

8.2.2. Ementas e Bibliografias dos Componentes Curriculares

1º Semestre

Introdução à Antropologia (60 h/a)

Ementa: A formação disciplinar da Antropologia. Conceito de Cultura e o debate acerca do relativismo cultural, diversidade e etnocentrismo a partir da Antropologia. Metodologia de pesquisa em Antropologia: trabalho de campo.

Bibliografia básica:

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac e Naify, 2010.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Bibliografia complementar:

CARDOSO DEOLIVEIRA, Roberto. 1998. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP. Disponível em: http://www.isabelcarvalho.blog.br/wp-content/uploads/2010/08/OLIVEIRA-Roberto-Cardoso-de-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo-olhar-ouvir-escrever-In-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo.pdf.

DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

FAVRET-SAADA, Jeanne.1995. Ser Afetado. Tradução: Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*, 13, p. 155-161. Disponível em: http://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263

INGOLD, Tim. 2000.*'Gente como a gente' O conceito de homem anatomicamente moderno"*. In:. The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York: Routledge, 2000. Tradução: Ciméa Barbato Bevilaqua. Disponível em: http://www.pontourbe.net/edicao9-traducoes/213-gente-como-a-gente-o-conceito-de-homem-anatomicamente-moderno

MUNANGA, Kabengele. Antropologia Africana: mito ou realidade? In: *Revista de Antropologia*. 26:151-160, 1983.

Leitura e Produção de Texto 1 (60h/a)

Ementa: Reflexões sobre as noções de língua, variação linguística e preconceito linguístico. A universidade como esfera da atividade humana. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): esquema, fichamento, resenha, resumo (síntese por extenso), memorial e seminário. Normas da ABNT.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

DISCINI, N. *Comunicação nos textos: leitura, produção e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Bibliografia Complementar:

FONTANA, N. M.; PAVIANI, N. M. S.; PRESSANTO, I. M. P. *Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação*. Caxias do Sul, R.S: Educs, 2009

MACHADO, A. R. (Org.). *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R. (Org.). *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R. (Org.). *Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica*. São Paulo: Parábola, 2007

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

***Leitura e Produção de Texto II* (60 h/a)**

Reflexões sobre as noções de texto e discurso e a produção de sentido na esfera científica. A pesquisa científica: ética e metodologia. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): projeto de pesquisa, resumo (abstract), monografia, artigo, livro ou capítulo de livro, outras modalidades de produções científicas, artísticas e didáticas (ensaio, relatório, relato de experiência, produção audiovisual etc.).

Bibliografia Básica:

FRANÇA, J. L. et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas.* 7ª ed. B.H: Ed. UFMG, 2004.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade.* São Paulo: Parábola, 2010.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto.* São Paulo: Cortez, 2006.

Bibliografia Complementar:

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos.* 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto.* São Paulo: contexto, 2006.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. *Leitura e produção textual.* Petrópolis: Vozes, 2010.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. *Prática textual.* 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. SP: Cortez, 2001.

MANDRIK, D.; FARACO, C. A. *Língua portuguesa:* prática de redação para estudantes universitários. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

Inserção à Vida Universitária (15h/a)

Ementa: A Unilab: criação, diretrizes, estrutura e funcionamento. O regime letivo e o regramento sobre avaliação e controle de frequência. Direitos e deveres do estudante de graduação. Elementos fundamentais do projeto pedagógico curricular do curso e seu fluxograma.

Bibliografia Básica:

UNILAB. *Resolução 27/2014*: normas gerais para regulamentar a avaliação da aprendizagem nos cursos de graduação presencial da UNILAB.

UNILAB. Guia do Estudante de Graduação da UNILAB. Disponível em http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/06/GUIA-DO-ESTUDANTE-UNILAB.pdf

UNILAB. Diretrizes Gerais, junho de 2010

UNILAB. PPC do Curso de Bacharelado em Humanidades

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.
BRASIL. Lei de Criação da UNILAB, nº 12.289, de 20 de julho de 2010.
UNILAB. Estatuto (DOCUMENTO EM FASE DE ELABORAÇÃO) UNILAB.
Regimento Geral (DOCUMENTO EM FASE DE ELABORAÇÃO)

Iniciação ao Pensamento Científico: Problematizações Epistemológicas (45h/a)

Ementa: A especificidade do conhecimento científico. Introdução ao pensamento histórico-filosófico relacionado à ciência. Origens do conhecimento, epistemologia e paradigmas científicos. A barreira científica e a representação do outro. O silenciamento da história e do protagonismo do Outro: bárbaros, asiáticos, africanos, americanos. Subaltern Studies. Novas *episteme* da ciência: visibilidade, problematização e conceitualização em pesquisas interdisciplinares. Do lusotropicalismo à lusofonia.

Bibliografia Básica:

SAID, Edward. "A geografia imaginativa e suas representações: Orientalizando o oriental." Em: SAID, Edward. *Orientalismo***.** O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp.85-113.
CHALMERS, A.F. "A ciência como conhecimento derivado dos fatos da experiência" (trad.): in *What is this thing called Science?* Cambridge, HPC, 1999.
KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas.* São Paulo, Perspectiva, 2006.
LAKATOS, Imre. *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais.* Lisboa, Edições 70, 1998.
PAPINOU, David. "O que é a Filosofia da Ciência?" (trad.). Em: *Oxford Companion to Philosophy*. Oxford: OUP, 1995.

Bibliografia Complementar:

SANTOS, Boaventura. "Entre Próspero e Caliban". Em: SANTOS, Boaventura. *A gramática do tempo para uma nova cultura política.* São Paulo: Cortez, 2010. pp.227-249
ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia.* São Paulo: Ática, 2008.
BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia: do século XV a nossos dias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos (60h/a)

Ementa: Temporalidades do processo colonial nos países de língua portuguesa (práticas, trocas e conflitos culturais – ocupações e resistências). Movimento Pan-africanista, Negritude; Relações étnico-raciais e racismo; Movimento Negro e Indígena no Brasil e as políticas de ação afirmativa. Gênero, sexualidade. Movimentos Feministas e LGBTT. Tolerância religiosa. Direitos Humanos. Diferenças e Desigualdades. Cultura afro-brasileira.

Bibliografia básica:

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

EDEM KODJO E DAVID CHANAIWA. Pan-africanismo e libertação(Cap.25*).* Em: *História geral da África*, VIII**:** África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: UNESCO, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. et al. Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Construção da nação e evolução dos valores políticos. Em: *História geral da África, VIII*: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010. Cap. 16.

COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. 10ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Bibliografia complementar:

CABRAL, Amílcar. *O papel da cultura na luta pela independência*. A Arma da Teoria. Unidade e Luta I. Lisboa: Seara Nova, 1978. 2ª ed.

DAMATTA, Roberto. "Digressão a Fabula das três raças, ou problema do racismo à brasileira". Em: DAMATTA, Roberto**.** *Relativizando. Uma introdução à Antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. pp.58-85.

MARCONDES, Mariana (org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SUÁREZ, Mireya. Desconstrução das Categorias "Mulher" e "Negro"**.** Brasília, *Série Antropologia*, nº 133, 1992. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie133empdf.pdf

Patrimônio Cultural (60h/a)

Ementa: Patrimônio e antropologia. Patrimônio como campo social e categoria do pensamento. Patrimônio e nação. Políticas patrimoniais e patrimonialização da cultura. Patrimônio imaterial, registros, inventários e planos de salvaguarda. Tesouros Vivos da Cultura. Estudos de caso nos países da integração (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste) e Brasil (Maciço de Baturité).

Bibliografia básica:

ABREU, Regina. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 37-52, jul./dez. 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 23, p. 95-115, 1994.

ARANTES, Antônio A. 2001. Patrimônio imaterial e referências culturais. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 1, n.147, 2001.

Bibliografia complementar:

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPHAN, 1996.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. RJ: UFRJ, IPHAN, 2005.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil Passado. Em: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p. 97-105, 1996.

SANSONE, Livio (org.). *Memórias da África: patrimônio, museus e políticas de identidade*. Brasília: ABA; Salvador: EDUFBA, 2012.

ABREU, Regina. "Tesouros humanos vivos" ou quando pessoas se transformam em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa e a distinção do "Mestres da Arte". Em: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: ed. Lamparina, 2009.

2º Semestre

Teoria Antropológica I (60h/a)

Ementa: Manifestações teóricas na formação de conhecimento antropológico "clássico"- século XIX ao início do século XX: evolucionismo (Morgan, Tylor, Frazer), sociologia compreensiva (Simmel e Weber), americana (Boas e Rivers), escolas francesa (Durkheim, Mauss, e outros) e britânica (Malinowski, Radcliffe-Brown). Leituras de etnografias clássicas.

Bibliografia Básica:

Castro, C (org.) *Evolucionismo Cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. RJ. Zahar Editor, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. SP: Martins Fontes, 2000.

RADLCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petropólis: RJ; Vozes, 2013. (Coleção Antropologia)

Bibliografia Complementar:

BOAS, Franz. "As limitações do Método Comparativo da Antropologia" e "Os objetivos da pesquisa antropológica". Em: Celso Castro (Org.) *Antropologia Cultural*. RJ: Jorge Zahar, 2004:25-40; 87-109.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. 1981 [1903]. "Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas". In: MAUSS, Marcel. *Ensaios de Sociologia.* São Paulo: Perspectiva. (399 –455)

FRAZER, James. *O Ramo de Ouro*. RJ. Guanabara Koogan, 1982.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural (col. "Os Pensadores"), 1978.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a Dádiva: a forma e razão da troca nas sociedades primitivas". Em: *Sociologia e Antropologia*. V. II. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974:37-184.

Teoria da Diáspora (60 h/a)

Ementa: Estudo das teorias clássicas da diáspora africana. Estudo do pensamento sócio-antropológico negro em suas diferentes concepções e entendimento sobre a presença negra na diáspora. Compreensão dos contextos históricos que impulsionaram o surgimento do pensamento afrocêntrico na diáspora.

Bibliografia Básica:

DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro, Lacerda Ed. 1999.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo, Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. Da Diáspora. *Identidades e Mediações Culturais* (parte 1). Belo Horizonte, Ed. UFMG; Brasília, UNESCO, 2003.

Bibliografia Complementar:

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações*. São Paulo, Editora Pioneira, 1971.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

Lopes, Carlos. *Amílcar Cabral como promotor do Panafricanismo*. Praia, 2013.

Disponível em: http://www.uneca.org/sites/default/files/lopeswritings/pdfs/amilcar_cabral_como_promotor_do_pan-africanismo.pdf

NKRUMA, Kwmane. *África debe Unirse*. Barcelona, Bella Terra, 2010.

WADE, Peter. *Raza y Etnicidad en Latinoamerica. Ediciones Abyayala*. Ecuador, 1997. Disponível em: https://repository.unm.edu/bitstream/handle/1928/12617/Raza%20y%20etnicidad%20en%20latinoam%C3%A9rica.pdf?sequence=1

Estudos de África Pré-Colonial (60 h/a)

Ementa: Abordar as civilizações africanas pré-coloniais antes da influência estrangeira; Teorias, metodologias e fontes.

Bibliografia Básica:

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Tome I (até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

KI-ZERBO, Joseph. Os métodos interdisciplinares utilizados nesta obra. Em: (Ed.). *História Geral da África*, I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 383-399.

MUDIMBE, Valentin Yves. *A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedago; Edições Mulemba, 2013.

Bibliografia complementar:

CURTIN, Philip D. "Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral". In: KI-ZERBO, Joseph. "Introdução geral". In: IDEM (Ed.). *História Geral da África*, I: Metodologia e pré-história da África.2 ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 37-58.

MAZRUI, A. Ali & AJAYI, J.F. Ade. "Tendências da filosofia e da ciência na África". Em: MAZRUI, Ali. A. (ed.). *História Geral da África*, Vol. VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010, p.761-815.

BÂ, Hampaté A. A tradição viva. Em: *História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África*. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

CHUKWUDI EZE, Emmanuel (ed.). *Pensamiento Africano: Ética y política*. Barcelona: Bellaterra, 1998.

DIOP, Cheik Anta. Origem dos antigos egípcios. Em: UNESCO. *História Geral da África*, 2010. V. II. Cap. 1.

GRIAULE, Marcel. *Dios de Agua*. Barcelona: Alta Fulla, 2000.

Antropologia das Populações Afro-Brasileiras (60 h/a)

Ementa: Apresentar a constituição do campo formativo da temática no Brasil no século XX. Revisitar obras e conceitos fundantes do campo disciplinar do período em foco. Explicitar os debates teóricos e políticos pertinentes ao tema.

Bibliografia Básica:

PEIRANO, Mariza. *A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. Lisboa, Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 219-232. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/artigos/antropologia_como_ciencia_social_no_brasil

PEIRANO, Mariza. *O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira.* Etnográfica, Lisboa - Portugal, v. IV, n. 2, p. 233-266, 2000. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_233-266.pdf

PINHO, Osmundo; SANSONE Livio (Orgs.) *Raça: novas perspectivas antropológicas*. ABA/EDUFBA, 2. Ed. Salvador, 2008.

Bibliografia Complementar:

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Coleção 2 pontos. Editora Marco Zero Ltda, Rio de Janeiro, 1982.

GUERREIRO Ramos. *O Problema do negro na Sociologia Brasileira*. Disponível em: https://archive.org/details/OProblemaDoNegroNaSociiologiaBrasileira

LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro, 2. Ed., Editora UFRJ, 2002.

MUNANGA, Kabengele. *Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania*. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf

LEITE, Ilka Boaventura. Diásporas africanas e direitos territoriais: as várias dimensões do quilombo no Brasil. Em: OLIVEIRA, Osvaldo Martins (Org). *Direitos quilombolas e dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades (60h/a)

Ementa: Fundamentos epistemológicos da interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade em relação à multidisciplinaridade e à transdisciplinaridade. Transversalidade na produção do conhecimento. Paradigmas científicos. Planejamento de Pesquisa: Projetos e Delineamento de pesquisa. Abordagens metodológicas de base quantitativa, qualitativa, mista e participativa.

Métodos e técnicas de pesquisa em humanidades. Ética em pesquisa nas ciências humanas. Pesquisa como compromisso social e ético-político.

Bibliografia Básica:

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWELL, J. W. *Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Sage, 2010.

DUSSEL, Enrique D. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África 1: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. revisada, Brasília: UNESCO, 2010, p. XXXI-LVII. (Nos sites da Unilab e da UNESCO encontramos cópias em PDF dos 8 volumes desta coleção).

MAZRUI, Ali A. O Horizonte 2000 - A educação colonial: a libertação sem o desenvolvimento. Em: *História Geral da África VIII. África desde 1935*. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji Brasília: UNESCO, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. Volume 1: a crítica da razão indolente. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, T. C.; COELHO, J. P. C.; SOUTO, A. N. *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas*. Senegal: Clasco, 2012. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20131028053636/ComoFazer.pdf

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar*. Epistemologia e Metodologia Operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WEBER, M. "A Ciência como vocação". Em: *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira & Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 1991, pp. 77-145.

Bibliografia Complementar:

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.

FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013. HERZFELD, Michael. "Epistemologias". Em: *Antropologia. Prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.

POMBO, Olga. *Epistemologia da Interdisciplinaridade*. ANAIS: Seminário Internacional Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 a 14 de Novembro 2003, Porto, Portugal.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma Ciência Pós Moderna*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Graal, 1989

WEBER Max, "A 'Objetividade' do Conhecimento nas Ciências Sociais. Em: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.

3º Semestre

Teoria Antropológica II (60 h/a)

Ementa: Desdobramentos teóricos da antropologia na primeira metade do sec. XX: padrões de cultura e personalidade; conflito e mudança estrutural; estruturalismo. Estrutura e história. Leituras de etnografias de meados do séc. XX, que acompanharam os desdobramentos teóricos da disciplina.

Bibliografia Básica:

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer: uma descrição de modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LEVI-STRAUSS, Claude. "Linguística e Antropologia", "A eficácia simbólica" e "A noção de estrutura em etnologia" Em: Lévi-Strauss, C. *Antropologia Estrutural I*. RJ: Tempo Brasileiro, 1970: 85-100;215-236;313-360.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Bibliografia complementar:

BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil (col. "Vida e Cultura", 58), s/d.

EVANS-PRITCHARD, Edward. 2004. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 243-255.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.) *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, pp. 159-194.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2 ed. Petropólis: Vozes, 1982

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (60 h/a)

Ementa: Modernidade e contra-modernidade. Do colonial ao pós-colonial: colonialismo, imperialismo e eurocentrismo. Fanon, Said, Homi Bhabha. Hibridismo e mimese. Diferença e identidade na perspectiva pós-colonial. Decolonialidade e descolonização.

Bibliografia Básica:

BHABHA, Homi.Ḱ. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed.34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes/Centro de Estudos Afroasiáticos. 2001.

SPIVAK, Chakravorty. Gayatri. *Pode o subalterno falar*?.Trad: Sandra Regina Goulart Almeida,Marcos Pereira Feitosa, AndréPereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

Bibliografia complementar:

FANON, Franz . *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*; v. 22, n. 3 (2014).Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais / Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SAID, Edward W. *Orientalismo: "o Oriente como invenção do Ocidente"*. Trad: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Estudos de África Colonial (60 h/a)

Ementa: Abordar os processos de ocupação e expansão europeia em contato com as sociedades africanas. Influências estrangeiras no continente. Temporalidades dos processos e estratégias de dominação. Resistências e política local, regional, transnacional.

Bibliografia Básica:

BALANDIER, Georges. "A Noção de Situação Colonial". In*: Cadernos de Campo* nº 3 USP, São Paulo: 1993 [disponível online]

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna" In: Bela Feldman-Bianco (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. De José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Bibliografia complementar:

ABRANTES, Carla. "Repertórios do conhecimento em disputa: trabalhadores indígenas e agricultores no colonialismo português em Angola, 1950" *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 1: 195-218, 2013 [disponível online].

BASTOS, Cristiana. "Maria Índia, ou a fronteira da colonização: trabalho, migração e política no planalto sul de Angola". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 51-74, jan./jun. 2009 [disponível online]

CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora Unesp/ANPOCS, 2009. [na biblioteca UNILAB. há versão da tese disponível on-line: CABAÇO, José Luis. Moçambique: identidades, colonialismo e libertação. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 2007]

CONCEIÇÃO NETO, Maria da. "*Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX" Lusotopie, 1997*, p. 327-359. [disponível online] COOPER, Frederick. *"Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África" Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.21-73, jul. 2008 [disponível online]

Antropologia das Populações Indígenas (60 h/a)

Ementa: Estudo das teorias que marcaram o desenvolvimento do pensamento antropológico sobre a presença indígena na América Latina, a partir de abordagens que contemple as várias perspectivas da etnologia das populações indígenas. Enfoca os principais debates contemporâneos sobre a questão indígena no Brasil e região Nordeste em diálogo com outras áreas do conhecimento como a história, filosofia, bioética e o direito. Principais temas: desconstrução de estereótipos; pluralidade histórica; etnologia indígena; movimento indígena e indigenismo; direitos indígenas e Estados nacional e plurinacional.

Bibliografia Básica:

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida Rita. *Pacificando o branco, cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002. BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. *As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político*. MANA 12(1): 39-68, 2006.

OLIVEIRA FILHO, J. P (Org). *Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. Mana, vol.4 n.1 Rio de Janeiro Apr.1998.

Bibliografia complementar:

GOMES, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e Etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. (Dissertação de Mestrado) UFPE/Programa de Pós Graduação em Antropologia: Recife, 2012.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Identificação Indígena e Mestiçagem no Ceará*. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 3, nº 2, p. 21 – 49. Jul./dez. 2011. MONTEIRO, Paula. Deus na aldeia - missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006

SEGATO, Rita. *Que cada povo trame os fios da sua história: Em defesa de um Estado restituidor e garantista da deliberação no foro étnico*. Argüição lida na Audiência Pública realizada em 05/09/2007 pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados sobre o Projeto de Lei nº 1057 de 2007 do Deputado Henrique Afonso sobre a prática do infanticídio em áreas indígenas.

CARAVALHO, Maria Rosário et al (Orgs.). *Negros no Mundo dos Índios - imagens, reflexos, alteridades*. 1ed.Natal: Editora da UFRN, 2011

RAMOS, Alcida Rita. *Indigenismo: um orientalismo americano*. Anuário Antropológico [Online], I | 2012, posto online no dia 01 Outubro 2013, consultado no dia 20 Novembro 2013. URL: http://aa.revues.org/268

Antropologia das Populações Tradicionais e Ecologia Política (60 h/a)

Ementa: Estudo das populações tradicionais e suas relações identitárias, territoriais, políticas, econômicas e epistêmicas com a Natureza, enfocando o fazer antropológico neste campo. Discutirá as teorias hegemônicas sobre desenvolvimento e meio ambiente e contrahegemônicas que problematizam as noções de desenvolvimento sustentável, crescimento econômico e projetos de modernização, natureza versus cultura, a partir das perspectivas críticas da Colonialidade da Natureza, da Ecologia Política e do "Bem Viver", esta última tradução das expressões Kechwa "*Sumak Kawsay*" e Aymara "*Suma Qamaña*".

Bibliografia Básica:

ALTIER, Joan Martínez. *O ecologismo dos pobres*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de Quilombo, Terras Indígenas, "Babaçuais Livres", "Castanhais do Povo", Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de (2009). Agroestratégias e Desterritorialização: os direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: ALMEIDA, Alfredo W. B. de; CARVALHO, Gustavo (Orgs.). *O Plano IIRSA na visão da Sociedade Civil Pan-Amazônica*. Belém: FASE: UFPA, 2009.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DÁVALOS, Pablo. *Reflexiones sobre el Sumak Kawsay (El Buen Vivir) y las teorias del desarrollo***.** 2008**.** Otro Desarrollo/Biblioteca virtual de documentos - CLAES - www.otrodesarrollo.com. Disponível em: <http://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/100602.pdf>. Acessado em: abr. 2011.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, 322. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PaulLittle.pdf.

QUIJANO, Aníbal. *"*Bien Vivir": Entre el "desarrollo" y la des/colonialidad del poder.Em: QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y Horizontes. De la Dependencia Histórico-Estructural a la Colonialidad/ Descolonialidad del Poder*. Buenos Aires: Clacso, 2014, pp.847-859.

4º Semestre

Teoria Antropológica III (60 h/a)

Ementa: Temas e abordagens centrais em estudos contemporâneos, que se desenvolveram a partir das décadas de 1950/1960 até momentos mais atuais: sistemas simbólicos, ritos de passagem e dramas sociais; antropologia interpretativa, sociabilidade e interação social, hierarquia e individualismo, sistemas globais e fluxos; debates em torno dos conceitos de sociedade e cultura. Leituras da antropologia contemporânea que apontam os diversos estilos de produção e reflexão etnográficas.

Bibliografia Básica:

DOUGLAS, Mary "Introdução", "1. Impureza ritual", "2. Profanação secular", "3. As Abominações do Levítico" Em: *Pureza e Perigo*. SP:Perspectiva, 1976:11-74. DUMONT, Louis. 1985. "A comunidade antropológica e a ideologia" Em: *O individualismo.* Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, p. 201-236.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". Em: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989:13-44.

Bibliografia complementar:

GEERTZ, Clifford. "Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico". Em: Geertz, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997: 85-107.

GOFFMAN, Erving. 1988[1963]. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, p. 7-136.

DUMONT, Louis. "Introdução", "Do Sistema à Estrutura. O Puro e o Impuro", "A Hierarquia. Teoria das "Varna"". Em: *Homo Hierarquicus: o sistema de castas e suas implicações*. SP: Edusp, 1992: 49-69, 83-143.

TURNER, Victor "Os símbolos no ritual ndembu" Em: *Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu*. RJ: EdUFF, 2005:49-82

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais(60 h/a)

Ementa: Política e poder como conceitos antropológicos. Sistemas políticos. Relações de poder e estruturas de dominação. Processos de Formação dos Estados-Nacionais (Estados multiculturais e pluranacionais na América Latina e África). Estados coloniais e efeitos para organizações políticas contemporâneas. O desenvolvimento à luz da teoria antropológica. Transnacionalismos.

Bibliografia Básica:

ELIAS, Norbert. "Processos de formação de Estados e construção de nações". Em: ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública*. Organização e apresentação Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006 [1972].

GEERTZ, Clifford. 1980. *Negara: O Estado Teatro no século XIX*. Lisboa: Difel, pp.13-21 (Bali e o Método Histórico); 23-39 (Definição Política: as fontes da ordem); e 153-172 (Bali e a Teoria Política).

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília, Ed. UnB. 1991

Bibliografia complementar:

ESCOBAR, Arturo. "Anthropology and the development encounter: the making and marketing of development anthropology". *American Ethnologist* 18(4), 1991. pp 658-682 MINTZ, Sidney W. Caribbean Transformations. Cap. 11: "Caribbean nationhood: na Anthropological Perspective." Chicago: Aldine Publishing Company. 1974.

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política.* São Paulo: EDUSP/Difusão Européia do Livro, 1969.

EVANS-PRITCHARD,E. & FORTES, M. *Sistemas políticos africanos*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1981.
LEACH, Edmund. 1996. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

Estudos de África Pós-Colonial (60 h/a)

Ementa: Ciências Humanas e Sociais em África contemporânea. O intelectual africano perante a crise social. Diálogo crítico entre intelectuais africanos do período das independências e do pós-independência. A antropologia e as questões sociais, políticas e econômicas da África contemporânea.

Bibliografia Básica:

CRUZ e SILVA, Teresa; COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas*. (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança). Dakar, CODESRIA, 2012. http://www.codesria.org/spip.php?article1611&lang=en [artigos selecionados].
MBEMBE, Achille. "O tempo que se move" (introdução de De la postcolonie). Em: Cadernos de Campo, n. 24, 2015 (pp. 369-397). [disponível online]
NGOENHA, Severino Elias. "Os missionários suíços face ao nacionalismo moçambicano - Entre a tsonganidade e a moçambicanidade". *Lusotopie*, 1999 [disponível online]

Bibliografia Complementar:

COMAROFF, Jean e John. "Etnografia e imaginação história". Tradução de Iracema Dulley e Olívia Janequine. *Revista Proa*, n°02, vol.01, 2010. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/proa
FABIAN, Johannes. "A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação". *Mana*, vol. 12, no. 02, 2006. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000200010
HONWANA, Alcinda. Juventude, Waithood e Protestos Sociais em África In: Desafios para Moçambique, *IESE*, 2014 [disponível online]
MUNANGA, Kabengele. "Antropologia africana: mito ou realidade?". Em: Estudos Afro Asiáticos, n. 11, 1985. [disponível online]

Antropologia, Movimentos Sociais e Direitos Humanos (60 h/a)

Ementa: Apresentar o debate teórico e político que envolve os movimentos sociais em contextos diaspóricos. Analisar as inter-relações temáticas entre alteridade, cidadania e direitos humanos. Abordar o papel da antropologia e do antropólogo (a).

Bibliografia Básica:

ESCOBAR, Arturo. Introdução: o cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p.15-57. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/mpich/files/2013/05/alvarez-et-all.pdf

REYES, Regina; KANT de Lima, Roberto (Orgs.) *Antropologia e Direitos Humanos* – Prêmio ABA/FORD/ Regina Reyes, Niterói:EdUFF, 2001. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/livros/DIREITOS%20HUMANOS%201[1].pdf

SILVA, Glaucia (Org.). *Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos*. Brasília, Paralelo 15, 2008.

Bibliografia complementar:

ALBERTI, Verena. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. São Paulo, Fundacão Getúlio Vargas Cpdoc, 2007

CRUZ E SILVA, Teresa. BORGES COELHO, João Paulo. NEVES DE SOUTO, Amélia. *Como Fazer ciências Sociais e Humanas em Àfrica: questões epistemológicas, metodológicas teóricas e políticas*. Senegal, Codesria, 2012. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20131028053636/ComoFazer.pdf

GOHN, Maria da Glória. *Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina*. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/03.pdf

NCHOJI NKWI, Paul. Antropologia na África Pós-colonial: o debate da sobrevivência. Em: RIBEIRO, Gustavo Lins;ESCOBAR, Arturo (Org.). *Antropologias Mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder*. Brasília, Editora UNB, 2012.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 207-236, Apr. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100008&lng=en&nrm=iso>

Gênero, Família e Sexualidades (60 h/a)

Ementa: Família e parentesco: as abordagens clássicas. Generificação e colonialidade de gênero. Conjugalidades LGBTT. Família e parentesco nos países africanos de língua portuguesa: alguns aspectos. Sexualidades: o normal e o “anormal” (a perspectiva queer). Consentimento e vulnerabilidade. Trangressão e subalternidade.

Bibliografia Básica:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertranda, Brasil, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Família", Em: Harry L. Shapiro. *Homem, Cultura e Sociedade*, São Paulo, Ed. Fundo de Cultura, 1956.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estud Fem*, vol.19, n.1, 2011. pp. 11-20 Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002

Bibliografia complementar:

BUTLER, J. (2003) O parentesco é sempre tido como heterossexual? Campinas, *Cadernos Pagu* (21) 2003, Unicamp.

FONSECA, FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. Dossiê: Famílias em movimento. *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007: 9-35. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200002>. Acesso em fev.2014.

LOWENKRON, Laura. Consentimento e vulnerabilidade: alguns cruzamentos entre o abuso sexual infantil e o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual. *Cadernos Pagu* (45), julho-dezembro de 2015.

ROQUE, Sílvia. (coord). *Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau*. Coimbra: CES, 2011.

SLENES, Robert. 1999. *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*. Nova Fronteira. Caps. 1 (pp. 27-68) e 4 (pp. 237-259)

5º Semestre

Metodologia de Pesquisa Antropológica (60 h/a)

Ementa: Novos olhares sobre a ciência; por uma perspectiva teórica da pesquisa antropológica; Métodos, diálogos e polifonia; Formulação de um problema de pesquisa. Estrutura, argumentação e justificação de um projeto de pesquisa. Redação de um projeto de investigação.

Bibliografia Básica:

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. 1976. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes. P. 11-34; 173-241.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. "*Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*". São Paulo: Abril Cultural (col. "Os Pensadores"), 1978.

Bibliografia complementar:

BOURDIEU, Pierre "O observador observado", "Estrutura, *habitus* e práticas" e "A ação do tempo e o tempo da ação" Em: *Esboço de uma teoria da prática*. Portugal: Celta Editora, 2002: 137-144; 163-185; 227-236.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho antropológico*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998.

CARVALHO, José Jorge O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, IFCH, PPGAS, 2001.

LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. 1997. *A vida de laboratório*. A produção de fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. P. 9-100.

SAHLINS, Marshall.. "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: Por que a Cultura Não é um 'Objeto' em Via de Extinção". *Mana. Estudos de Antropologia Social* 3 (1): 41-73; *Mana. Estudos de Antropologia Social* 1997 3 (2): 103-150.

Teorias sobre o racismo e discursos antirracistas (60h/a)

Ementa: Racismo: origens, conceito e manifestações contemporâneas. O racismo científico do século XIX e seus desdobramentos no Brasil. Teorias sobre relações raciais e racismo. As lutas antirracistas no Brasil e no mundo.

Bibliografia básica:

MUNANGA, Kabengele. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, Identidade étnica". In: *Cadernos PENESB*, UFF, Niterói, Editora da UFF, n. 5, p. 15-34, 2004. [disponível online]

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

Bibliografia complementar:

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil***.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2014.

D' ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e antirracismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracias*. São Paulo: Editora 34, 2002.

SILVEIRA, Renato da. "Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental". In: *Afro-Asia* n°. 23, 1999. [disponível online]

Campo de Atuação Profissional da Antropologia (60h/a)

Ementa: Ampliar o conhecimento sobre o campo de atuação profissional. Examinar o campo de trabalho existente no Brasil e África e suas possibilidades. Debater sobre o perfil profissional e suas exigências: técnica, teórica, política, ética. Criação de novos campos e perfis para o trabalho antropológico. Relações de gênero, sexualidades, raça e etnia no campo de atuação profissional.

Bibliografia básica:

FONSECA, Cláudia. "Antropólogos para quê? O campo de atuação profissional na virada do milênio". In: TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo L. (Orgs.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro, Contracapa/ABA, 2004, p. 69-91.

LOBO, Andrea. Precisa-se de uma antropóloga! Vivenciando o fazer antropológico entre a academia e a sociedade civil. *Novos Debates - Fórum de debates em antropologia*, n. 2, pp. 115-126, 2016.

MUNANGA, Kabengele. "A antropologia brasileira diante da hegemonia ocidental e as possibilidades de aplicação da antropologia no mercado de trabalho". *Revista de Antropologia*, 56(1), 2013, p. 485-504. http://revistas.usp.br/ra/article/view/64515

Bibliografia Complementar:

CARDOSO, Maria Lúcia de Macedo e COSTA, Delaine Martins. "O que a perspectiva antropológica tem a dizer sobre a avaliação de projetos sociais apoiados pela cooperação internacional?". *Horizontes antropológicos* 20(41), 2014, pp.117-140.

HELM, Cecilia. "A questão ética, as intervenções e a produção do conhecimento antropológico em consultoria para implantação de projeto hidrelétrico". In SILVA, G. (Org.). *Antropologia extramuros*. Brasília: Paralelo 15, 2008, p. 155-166.

MULLER, Cíntia Beatriz. "A prática antropológica: o desafio de trabalhar em organizações não governamentais". In GUEDES et al. (Orgs.). *Experiências em ensino e práticas em antropologia no Brasil.* Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010, p. 76-83

PIMENTA, Denise; MONTINHO, Laura. Um encontro com a Esmeralda: reflexões sobre o fazer antropológico em Moçambique e alhures. Revista Cadernos de Campo, n. 23,| p. 13-24, 2017.

BENTO, Monteiro Artur. Antropologia de Cabo Verde: diálogos, práticas, saberes e desafios contemporâneos. UFRJ, Museu Nacional, 2015. 423 p.

Antropologia da Religião (60h/a)

Ementa: Os temas das Religiões são partes fundamentais das Ciências Humanas e Sociais, desde os primórdios da Filosofia, Sociologia e Antropologia. Tais temas tornam-se essenciais tanto na constituição da vida social quanto na manutenção da mesma. Considerando o fato de que ela perpassa os diferentes campos da vida social e atrai o interesse de profissionais das mais variadas áreas do conhecimento, esta disciplina pretende aprofundar os seus elementos constitutivos e suas formas de intervenção na realidade bem como os novos fenômenos religiosos.

Bibliografia básica:

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os azande*. [Trad. Eduardo Viveiro de Castro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O feiticeiro e sua magia*. Em: Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify. p. 181-200.

TSHIBANGU, Tshishiku; J. F. Ade Ajayi; SANNEH, Lemin. Religião e evolução social. Em: *História geral da África*, VIII: África desde 1935 / Cap. 17. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010.

Bibliografia complementar:

BOURDIEU, Pierre. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Col. Estudos: 20/ Dirigida por J. Guinsburg).

FRAZER, James. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone – Moisés; 1ª Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARIANO, Ricardo. IURD: *A magia institucionalizada*. In: Revista USP, São Paulo, (31): 120-131, setembro/novembro, 1996.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói, Editora da UFF, 2005.

Identidade e Poder (60h/a)

Ementa: Marcadores identitários: raça, classe, etnia, gênero e sexualidade. Globalização e Transnacionalismos. Diáspora. Desigualdade, diferença e conflito. Colonialismo. Emancipação e Direitos.

Bibliografia Básica:

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo, Selo Negro Edições, Coleção Consciência Negra em Debate, 2011.

COOPER, Frederick; SCOTT, Rebecca J.; HOLT, Thomas C. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Edufmg, 2003.

NGOENHA, Severino Elias. "*Os missionários suíços face ao nacionalismo moçambicano - Entre a tsonganidade e a moçambicanidade"*. Lusotopie, 1999. O´DWYER, Eliane *Cantarino Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco - "Situação colonial, territorialização e fluxos culturais: uma etnologia dos 'índios misturados'?". *Mana* 4(1),1998.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados* – USP, São Paulo, v.19, n. 55, 2005b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/01.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

SEGATO, Rita. Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos ces* [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, consultado a 16 Julho 2015.

Bibliografia Complementar:

APPADURAI, Arjun - "Disjunção e Diferença na Economia Cultural Global" in: Featherstone, M. (org.) *Cultura Global*. Petrópolis. Vozes, 1994. (pp. 311-327).

BHABHA, Homi - "Interrogando a identidade". "Franz Fanon e a prerrogativa Póscolonial"; "A outra questão. O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo"; "O pós colonial e o pós moderno. A questão da agência"; "Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os Tempos Coloniais e as Provações da Tradução Cultural" In: *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998. (pgs 70-104; 105-128; 239-273; 292-325).

BALANDIER, Georges. "A Noção de Situação Colonial". In: *Cadernos de Campo* nº 3 USP, São Paulo: 1993.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed.34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes/Centro de Estudos Afroasiáticos. 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. 2. ed. revista, São Paulo: Ed. 34, 2005.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editota, 2006.

HOBSBAWN, E.J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

LEITE, Fabio. *Questão Ancestral*. São Paulo: Casa das Africas: Pallas, 2008.

MAIO, Marcos Chor:; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Faperj, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. *Estudos de Identidade: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. 395p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. *Para além da identidade. Fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 319p.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Cadernos PENESB* (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação, nº 5, 2004.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio (orgs.). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: EdUFBa, 2008.

SAID, Edward. *Orientalismo*. trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Fábio Mário. (org). O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,2014. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20141130silva_fabio_mario_da_o_feminino_nas_literaturas_africanas_em_lingua_portuguesa.pdf

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SUÁREZ, Mireya. Desconstrução das Categorias “Mulher” e “Negro”. Brasília, *Série Antropologia*, nº 133, 1992. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie133empdf.pdf.

6º Semestre

TCC I (90 h/a)

Ementa: Teoria e Prática em pesquisa em campo; Registro e tratamento dos dados empíricos. Subsídios teóricos e metodológicos necessários à pesquisa etnográfica.

Bibliografia básica:

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. Em: *Etnográcia*, Vol X (1), 2006, pp. 161-173.

THIOLLENT, Michel J. M.. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, 3º edição, Editora Polis, 1982.

Bibliografia complementar:

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho antropológico*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998.

CARVALHO, José Jorge O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, IFCH, PPGAS, 2001.

DINIZ, Débora. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. Brasília, Letras Livres, 2011.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica. *A prática de fichamentos, resumos, resenhas*. Atlas, 2009.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos,pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo:Atlas, 2008.

Feminismos africanos, negros e contra hegemônicos (60h/a)

Ementa: A questão do gênero no contexto das sociedades africanas e diaspóricas (tradição/modernidade), colonialidades e decolonialidade. Analisar o conceito da negritude ao longo da história, espaço e tempo. Feminismos em África e nas diásporas. A noção de raça e gênero: suas especificidades.

Bibliografia Básica:

CHIZIANE, Paulina. *EU, mulher... por uma nova visão de mundo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

HOOKS, Bell. “Intelectuais Negras”. In: *Estudos Feministas*. Ano 3, 2-95, 1995.

MAMA Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 603-637.

OYÈWÚMI, Oyèronké. “Laços familiares/ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas.” In: *Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs*, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

Bibliografia Complementar:

ADESINA, Jimi. “Práticas da Sociologia Africana: Lições de endogeneidade e género na academia”. In: Teresa Cruz e Silva, João Paulo Borges Coelho & Amélia Neves de Souto (Orgs): *Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança)*. Dakar: CODESRIA, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20131028053636/ComoFazer.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BAIRROS, Luiza. “Nossos feminismos revisitados”. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 458-463, 2. sem.1995.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições (Coleção Consciência Negra em Debate), 2011.

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamento feminista negro. In: TRUTH, Sojourner et al. *Feminismos Negros*: Una Apología. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. pp. 99-135. DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOLAWOLE, Mary. *Re-Conceptualizing African Gender Theory: Feminism, womanism and the Arere Pataphor*. In: ARNFRED, Signe. Re-thinking Sexualities in Africa. Oppsala: Almqvist Tryckeri, 2005, pp. 251 – 266. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:240493/FULLTEXT03.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

MARTINS, Catarina. Nós e as Mulheres dos Outros. Feminismos entre o Norte e a África.

Território e Poder (60h/a)

Ementa: Espaço: dimensões, escalas, processos e agências. Territórios, fronteiras, deslocamentos. Estado, Nação, região. Urbano e/ou rural. Meio ambiente.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

BRANDÃO, Carlos. *Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

DEAN, Warren. *A Ferro e fogo*: A História e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

ELIAS, Norbert. “Processos de formação de Estados e construção de nações”. Em: ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios; 1*: Estado, processo, opinião pública. Organização

e apresentação Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006 [1972].

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chaves da Antropologia Transnacional”. *Mana* 3(2):7-40.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

REVEL, Jacques (org.). J*ogos de Escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, 262 páginas.

SANTOS, M. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

WILLIAMS, Raymond. “Campo e cidade”; “Cidades e campos”. In: *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. PP. 11-21; 471-500.

Bibliografia Complementar:

LEFF, Enrique (Coord.). *Etica, Vida, Sustentabilidad*. Mexico: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente/Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002.

BOURDIEU, Pierre. "A Identidade e a Representação. Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região" e "Espaço Social e Gênese das 'Classes'". In: *O Poder Simbólico*. Lisboa. DIFEL. 1989, (pp. 107-132 e 133-161),

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. “Meio Ambiente” In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. *Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

HENRIQUES, Isabel Castro “A terra e os territórios africanos: a profusão dos marcadores simbólicos”. In: Território e Identidade – A construção da Angola Colonial (c. 1872-1926). (em pdf)

LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2002.

MUDIMBE, V. Y. *A invenção da África*. Lisboa, Luanda: Edições Pélago, Edições Mulemba, 2013.

SANSONE, Lívio & FURTADO, Claudio. *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador, EDUFBA: 2014.

SAYAD, Abdelmalek. *"Os filhos ilegítimos". A Imigração ou Os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998. pp 173-234

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*: a forma social negro-brasileira. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Imago, 2002.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai*: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (OBS.: Appiah faz reflexões críticas apuradas sobre os usos dos conceitos de raça e identidade no continente africano).

7º Semestre

TCC II (90h/a)

Ementa: Pesquisa de campo, elaboração e apresentação da monografia. Elaboração do TCC em regime tutorial.

Não há bibliografia.

Componentes curriculares optativos

Antropoceno e emergência climática: possibilidades desde a antropologia

Ementa: Antropoceno e emergência climática como realidades do século XXI. A virada ontológica na Antropologia e a emergência de epistemologias alternativas. Este curso propõe a discussão sobre decorrências da organização da produção no capitalismo – aquecimento global, destruição de florestas, epistemicídios, produção industrial de carnes, epidemias, consumo de agrotóxicos – e como o movimento conhecido como virada ontológica na antropologia possibilita uma abertura para outros modos de compreensão da vida – a inseparabilidade do humano e da natureza e o entendimento de que compartilhamos este planeta com múltiplas espécies, saberes e formas de existência.

Bibliografia básica:

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. [online]
KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. [online]
WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. [online]

Bibliografia complementar:

ACOSTA, ALBERTO. *O bem viver*: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016. [online]
ARTAXO, Paulo. *Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?* In: Revista USP, n. 103, 2014 [online]
KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. [online]
GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus Editora, 1990.
LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. [online]
VASCONCELOS, Yuri. O planeta plástico. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, n. 281, 2019.

Bibliografia adicional:

DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. (orgs.). *Descolonizar o imaginário*: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
GUDYNAS, Eduardo. *Direitos da natureza*: ética biocêntrica e políticas ambientais. São Paulo: Elefante, 2019.
WALLACE, Rob. *Pandemia e agronegócio*: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. São Paulo: Elefante, 2020.

Antropologia Brasileira

Ementa: História da formação da Antropologia no Brasil. Temas e atuação dos(as) antropólogos(as) brasileiros: etnologia brasileira; estudos de comunidade; identidade nacional e brasilidade; estudos de relações raciais no Brasil; estudos das relações de gênero e sexualidade; estudos antropológicos do patrimônio. Questões contemporâneas de método e teoria.

Bibliografia básica

CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do gênero na história da Antropologia. Em: CORRÊA, Mariza. *Antropólogas e antropologia*. Belo. Horizonte, Editora da UFMG,

2003.Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1217/correa_mariza.pdf?sequence=1&isAllowed=y

PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, Vol. IV (2), 2000, pp. 219-232. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_219-232.pdf

SIMIÃO, Daniel Schroeter; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). *O campo da antropologia no Brasil: retrospectiva, alcances e desafios*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/118_00123885.pdf

Bibliografia complementar:

ABREU, Regina. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 37-52, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/quando_campo_patrimonio.pdf

BANIWA, Gersem. Indígenas antropólogos: entre ciência e as cosmopolíticas ameríndidas. In: RIAL, Carmem; SCHWADE, Elisete (orgs.). *Diálogos antropológicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/87_00136302.pdf

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo, 8°ed. Ed. 34, 1997.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira**.** Em: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf

MACHADO, Paula Sandrine. (Des)fazer corpo, (re)fazer teoria: um balanço da produção acadêmica nas ciências humanas e sociais sobre intersexualidade e sua articulação com a produção latino-americana. *Cad. Pagu* [online]. 2014, n.42 [citado 2014-09-09], pp. 141-158. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100141&lng=pt&nrm=iso

Antropologia da ciência e da tecnologia

Ementa: A emergência dos estudos sociais da ciência e da tecnologia a partir dos problemas da história, da filosofia e da sociologia da ciência; As etnografias de laboratório; Os estudos das controvérsias sociotécnicas; Gênero e ciência; Os estudos de ciência e a crítica pós-colonial; Entendimento público da ciência; A ciência em debates públicos; Antropologia dos objetos; Antropologia, ciência e as relações multiespécie; Ciência, corpo e tecnologia; A ciência e o futuro do humano; Ciência e anticiência na contemporaneidade.

Bibliografia básica:

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica . [3.ed.]. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2016

CHALMERS, A. F. *A fabricação da ciência*. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

Bibliografia complementar:

FISCHER, Michael M. Quatro genealogias culturais (ou testes genealógicos haplótipos) Para uma antropologia recombinante da ciência e da tecnologia. In. *Futuros Antropológicos: Redefinindo a cultura na era tecnológica*. Jorge Zahar Editora. Coleção Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2011.

HARAWAY, Donna Jeanne; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pos-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

SKLOOT, Rebecca. *A vida imortal de Henrietta Lacks*. Editora Companhia das Letras, 2011.

KNORR-CETINA, Karin *D. La fabricación del conocimiento: un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia*. Editora da Universidade Nacional de Quilmes, 2005.

CASTRO, Rosana. Precariedades oportunas, terapias insulares: Economias políticas da doença e da saúde na experimentação farmacêutica. Tese de doutorado – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2018.

Antropologia da Educação

Ementa: Estudo antropológico sobre a Educação informal, não formal e escolar. Conceitos e métodos relevantes à Antropologia, pedagogia e licenciaturas: cultura, racismo epistêmico, alteridade, classe, raça, etnia, gênero e geração na escola e em espaços não escolares; interculturalidade e políticas educacionais; movimentos sociais pela Educação. Métodos da pesquisa etnográfica e educação.

Referência básica:

FERREIRA, Mariana K.L. (orgs). *Antropologia, história e educação*: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso - pesquisa etnográfica em educação*. Revista da ANPED - SP , n. 10, jan/abr 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria. Por uma Antropologia da Educação no Brasil. Em: *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 259-265, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n2/v21n2a17.pdf>. Consulta: jan.2017.

Referência Complementar:

MEAD, Margaret. 1985 [1930]. *Educación y cultura en Nueva Guinea*. Barcelona, Paidos Studio.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010. Disponível on-line, acesso livre.

SILVA, Givânia. *Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação, Brasília, 2012. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12533/1/2012_GivaniaMariadaSilva.pdf>. Acesso em jan.2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Em: *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>. Acesso em: jan.2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

Antropologia de/em África

Ementa: Estudar a dinâmica antropológica, sóciohistóricocultural dos povos africanos desde os tempos pré-colonial, colonial, e pós-colonial. Analisar os estudos feitos pelas escolas antropológicas sobre as sociedades africanas.

Bibliografia Básica:

BÂ, Hampaté A. A tradição viva. In: *História Geral da África, I*. Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

KI-ZERBO, Joseph (coord.). Introdução Geral. In: *História Geral da África, I*. Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

MUDIMBE, V. Y. *A Invenção da África*: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2019.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: *História Geral da África, I*. Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

Bibliografia Complementar:

Evolucionistas

MORGAN, Lewis Henry. *Systems of Consanguinity and Affinity in the Human Family*. Com Introdução de Elisabeth Tooker. Lincoln e Londres: The University of Nebraska Press, 1997 [1870].

MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga [Ancient Society]. In: CASTRO, Celso (Org.). *Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1877].

TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva*: Los orígenes de la cultura. Madrid: Ayuso, 1977 [1871].

Funcionalistas:

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacifico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guine, Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Africanistas:

COPANS, Jean. *Críticas e Políticas da Antropologia*. Lisboa: Edições 70, 1974, 150p.

DOUGLAS, Mary. *The Lele of the Kasai*. London: Oxford University Press, 1963.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuer*: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1940].
FORTES, Meyer. *Marriage law among the Tallensi*. Accra: Government Printing department, 1937, 33p.
FORTES, Meyer & EVANS-PRITCHARD, E. E. *Sistemas Políticos Africanos.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BALANDIER, Georges. *Sociologia da África negra*: dinâmica das mudanças sociais na África Central. Ramada/Luanda: Edições Pedago/Edições Mulemba, 2014.
GLUCKMAN, Max. *Rituais de Rebelião no Sudeste da África*. Brasília/DF: UnB, 2011.
HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, mar. 2008: 149-160. Disponível em: < https://rccs.revues.org/699Acessado em: 02.2016.
MITCHELL, James Clyde. *A Dança Kalela*. Aspectos das relações sociais entre africanos urbanos na Rodésia do Norte [,1959]. [Tradução encontrada na internet, cf. com o original]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2018675/mod_resource/content/1/10%20-%20J.%20Clyde%20Mitchell%20-%20A%20dan%C3%A7a%20kalela.pdf>.
TURNER, Victor Witter. *O Processo Ritual*: Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013.

Antropologia do corpo e da saúde

Ementa: Elaborações antropológicas clássicas sobre o tema do corpo; corpo e pessoa; corpo e gênero; corpo, ciência e tecnologia; Corpo e novas tecnologias reprodutivas; Outros sistemas médicos; Itinerários terapêuticos; Sofrimento e narrativas; Biossociabilidades e cyberativismos terapêuticos; Doença e testemunho; Doença, reclusão e contágio; Fricções entre sistemas de saúde.

Bibliografia Básica:

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.
LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Papirus Editora, 2007.
LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. Martins Fontes, 1991.

Bibliografia Complementar:

LIMA, Tânia Stolze. O que é um corpo? *Religião e Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 9-20, 2002.

BELAUNDE, Luisa Elvira. A força dos pensamentos, o fedor do sangue: hematologia e gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 1, p. 205-243, 2006.

GUIMARAES, Sílvia M. F. O sistema médico Sanum Yanomami e sua interação com as práticas biomédicas de atenção à saúde. *Cadernos de Saúde pública*, v. 31, n.10, p. 2148-2156, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In. *Antropologia estrutural*, v. 2. Tempo Brasileiro, 1975.

LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

Antropologia e fazeres etnográficos

Ementa: A etnografia como esforço teórico-metodológico da Antropologia. Trabalho de campo e a construção do texto etnográfico. Uso de imagens. Perspectivas e contextos etnográficos. Experiências e interlocuções profissionais.

Bibliografia Básica:

GERRTZ, Clifford. 2005. Estar Lá: A antropologia e o cenário da escrita. In: *Obras e Vidas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. pp. 11-39.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural (col. “Os Pensadores”), 1978.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. Disponível em:< http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf.>

Bibliografia Complementar:

ALBERT, Bruce. 2014. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. In: *Campos: Revista de Antropologia Social*. V. 15, n. 1. pp. 129-143.

BENSA, Alban. 1998. *Da micro-história a uma antropologia crítica. In: Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*. Jaques Revel– Organizador. Fundação GetúlioVargas Editora. Rio de Janeiro.

CAVALIA, Oscar. 2013. “O sujeito”, “O diário de campo”. In: *Esse obscuro objeto de pesquisa*: Um manual de método, técnicas e teses em antropologia. Ilha de Santa Catarina: Edição do autor, pp. 148-158; pp. 165-169.

OLIVEIRA, João Pacheco. Instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades de trabalho do antropólogo em laudos periciais. In: *Indigenismo e Territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Organizador: Oliveira, João Pacheco. Contra Capa Livraria Ltda. Rio de Janeiro, 1998.

VELSEN, J. Van. *A Análise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado*. In: Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos. Ed. Global Universitária, SP, 1987.

Antropologias emergentes

Ementa: Discussão de temas emergentes e tópicos especializados no campo da antropologia.

Bibliografia Básica:

GEERTZ, Clifford. “‘Do Ponto de Vista dos Nativos’: A Natureza do Entendimento Antropológico”. In: *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998. pp. 85-107

PEIRANO, Mariza. Onde está a antropologia?. In: *Mana*, vol 23, n. 2, Rio de Janeiro, Outubro de 1997. pp. 67-102.

STRATHERN, M. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. In: *Revista Mediações*, Londrina, vol 14, n. 2, jul-dez. de 2009. pp. 83-104. (http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/issue/view/303/showToc).

Bibliografia Complementar:

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *"A escrita da cultura: poética e política da etnografia”*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens; Editora da UERJ, 2017.

INGOLD, Tim. *"The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill"*. Londres: Routledge, 1996.

LATOUR, Bruno. Introdução: Como retomar a tarefa de descobrir associações. In: "*Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*”. Salvador/Bauru: EdUFBA/Edusc, 2012. pp. 17-40.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

Antropologia e política

Ementa: Política, Poder; Sistemas e Organizações Políticas; Relações de Poder: bases conceituais para o estudo da política na antropologia; Dominação e Ação Política; Reflexões sobre o Estado; Identidades e Religião em articulação com esferas políticas; Simbolismo e Rituais; Repercussões dos estudos sobre as dinâmicas políticas nas considerações metodológicas da disciplina; Práticas da Política e do Poder: elaborações etnográficas.

Bibliografia básica:

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo: EDUSP/Difusão Europeia do Livro, 1969.
GEERTZ, Clifford. *Negara: o Estado Teatro no século XIX*. Lisboa: Difel, 1980.
FORTES, M; EVANS-PRITCHARD. (eds.). *African Political Systems*. Oxford University Press, London, 1961. [1960].

Bibliografia Complementar:

MUDIMBE, V.Y. *Tales of Faith – Religion as Political Performance in Central Africa*. London & Atlantic Highlands: NJ: The Athlone Press, 1997.
VICENT, Joan. *The anthropology of politics: a reader in etnography, theory and critique*. Malden Mass, Blacwell: 2011.
SWARTZ, M. J.; TURNER, V.; TUDEN, A. Introduction. Em: SWARTZ, M. et al. (eds.) *Political Anthropology*. Aldine, Chicago, 1966. Pp. 1-48.
BOURDIEU, Pierre. “Linguagem e poder simbólico”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996. pp. 179-126.
CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado: pesquisas de Antropologia Política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª Edição, 1982.

Antropologia, literatura e narrativas contra-hegemônicas

Ementa: Problematizando conceitos, fronteiras e assimetrias: oratura, literatura e narrativa. A etnografia como texto, o etnógrafo como autor. Literatura e escrita feminina em contextos africanos. Identidades africanas, identidades afrodiaspóricas e suas linguagens. Colonialismo e colonialidade. Gênero, sexualidade e classe nas literaturas de língua portuguesa.

Bibliografia Básica:

ANZALDÚA, G. *Falando em línguas*: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MAMA Amina. Seráético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 603-637.

Bibliografia Complementar:

CHIZIANE, Paulina. *EU, mulher...por uma nova visão de mundo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

HOOKS, Bell. "Intelectuais Negras". *Estudos Feministas*. Ano 3, 2-95, 1995.

JABARDO, Mercedes. "Construyendo puentes: en diálogo desde / con el feminismo negro". In Jabardo, Mercedes (org). *Feminismos Negros: uma antología*. Madrid: Proyecto Editorial Traficantes de Sueños, 27-56, 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*, nº 92/93 (jan-jun), 1988, p. 69-82.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et alli. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Antropologia, movimentos sociais e gênero

Ementa: Estudar conceitos de movimentos sociais, colonialidade de gênero, sexualidades, feminismos. Conhecer e analisar a partir da antropologia interseccional movimentos protagonizados e orientados às agendas políticas, econômicas, sociais, culturais e afetivas de mulheres indígenas, camponesas, quilombolas, de populações tradicionais, da população LGBTQIA+, negras e africanas.

Bibliografia Básica:

Carneiro, Sueli. Mulheres em movimento . *Estudos Avançados*, 17(49), 117-133, Ano: 2003. Disponível em:< http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em mar.2019.

EKINE, Sokari. Narrativas contestadoras da África Queer. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, vol. 2, no 2, Salvador-BA, 2016, pp.10-14. Disponível em: < https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/20727>. Acesso em ago.2020.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. *Cad. CRH*, Salvador , v. 21, n. 54, p. 439-455, Dez. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em marc.2018.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Tabula Rasa*. Bogotá.Nº 9: 73-101, jul-dez,2008. Disponível em: < https://bazardotempo.com.br/colonialidade-e-genero-por-maria-lugones-2/>. Acesso em ago.2020.

Bibliografia Complementar:

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Do coco babaçu à emancipação: o poder das quebradeiras do Maranhão*. Disponível em: < https://cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/4439-do-coco-babacu-a-emancipacao-o-poder-das-quebradeiras-do-maranhao>. Acesso em ago. 2020

COSTA, Luana. "Somos todas Marielle Franco!": intelectuais negras no Brasil e a manutenção da vida. In: Maria Teresa Salgado; Cinda Gonda; Anélia Pietrani; Cíntua Kütter; Matthews Cirne. (Org.). *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. 1ed.Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018, v. 1, p. 126-134.

MENDES, Aparecida. *Marias Crioulas: emancipação e alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais*. **(**Dissertação de mestrado) Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e TerrasTradicionais-MESPT; UnB: Brasília, 2019.

NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

REA, Caterina Alessandra. Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos. *Rev. Estud. Fem*., Florianópolis , v. 26, n. 3, e48439, 2018 . Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/ref/v26n3/1806-9584-ref-26-03-e48439.pdf>. Acesso em ago.2020.

SACAVINO, Susana. Tecidos feministas de Abya Yala: Feminismo Comunitário, Perspectiva Decolonial e Educação Intercultural.*Uni-pluri/versidad***,** Vol. 16, N.° 2, 2016. Disponível em: <https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/unip/article/view/328317>. Acesso em jan. 2018.

TUXA, Eduarda. *Pelo direito de ser quem eu sou: mulher indígena e sapatão*. Disponível em: <https://aldeialiteraria.blogspot.com/2019/02/pelo-direito-de-ser-quem-eu-sou-mulher.html?m=1 >. Acesso em fev.2019.

Antropologia urbana

Ementa: A disciplina introduz a discussão do estudo das cidades nas C. Sociais, sob a perspectiva da Antropologia. Enfatiza tópicos específicos nos estudos urbanos: cidades e dinâmicas sociais no meio urbano; sociedade, políticas públicas e tendências econômicas no meio urbano contemporâneo; diferentes formas de segregação; pesquisa etnográfica no meio urbano.

Bibliografia Básica:

CARDOSO, R. *A Aventura Antropológica*. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Eckert, C. & Rocha, Ana Luiza C. Leitura: ECKERT, Cornelia ; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da . "Etnografia: saberes e práticas". In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 9 a 24. Série Graduação. (Disponível em PDF)

VELHO, Octávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

Bibliografia Complementar:

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. *Antropologia da e da Cidade. interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre, Marcavisual, 2013.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Em ZALUAR, Alva Guimarães (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Livraria Alvez Ed. Rio de Janeiro, 1975.

MAGNANI, J. Guilherme & Lilian de Lucca Torres (orgs.). Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

OLIVEN, R. A Cidade Como Categoria Sociológica. Em: R. Oliven. *Urbanização e Mudança Social no Brasil* (págs. 13-29). Petrópolis: Vozes, 1980.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose - Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1994.

Cidades sob a perspectiva de raça e gênero

Ementa: Antropologia Urbana e "Generificação" do Espaço; Questões de gênero e raça no Espaço urbano; Políticas de Gênero e Raça no espaço urbano; Silêncios e desigualdades marcados historicamente por gênero e raça nas cidades.

Bibliografia Básica:

Agier, Michel. Parte II. Lugares e Fragmentos: A cidade em Processo. In: *Antropologia da Cidade. Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. Coleção Antropologia Hoje. P. 101-140

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de Gênero*. Disponível em: http://www.geledes.org.br/em-debate/sueli-carneiro/17473-

Eckert, Cornelia e Ana Luíza Rocha. Etnografia da e na Cidade, Saberes e Práticas. In: *Antropologia da e na Cidade. Interpretações sobre as Formas da Vida Urbana*. Porto Alegre, Marcavisual, 2013. P.53-80.

GARCIA, Antonia. Segregação Urbana: Salvador e Rio de Janeiro. In: *Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais*. Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2009. P. 113 – 172.

IPEA (2011). *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. https://998dd9a3-334b-44a6-a181-f9a4f97d5cf9.filesusr.com/ugd/45f7dd_ce7e5353d5dc424482e61be41df2c063.pdf

OLIVEN, Ruben George. "Por uma antropologia das cidades brasileiras". In: VELHO, Gilberto (org.). *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus ed., 1980. pp. 23-36.

PERROT, Perrot. *O Gênero da Cidade. História e Perspectivas*. Uberlândia (50) p.23-44. Jan/jun 2014

SCOTT, Joan. Gênero. *Uma categoria Útil... original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989. 35p.

VELHO, Gilberto. 2011. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento". *Mana*, n.17, v.1, p:161-185.

WIRTH. O Urbanismo como Modo de Vida. In: Velho, Octávio (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

Bibliografia Complementar:

DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto/Ed. UNESP, 1997.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minneapolis, University of Minnesotta Press, 1994. Part III. P. 177 – 211.

PARK, Robert E. A Cidade. Sugestões para o Comportamento no Meio Urbano. In: Velho, Octávio (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: Velho, Octávio (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

WEBER, Max. Conceito e Categoria de Cidade. In: Velho, Octávio (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

Estudos de África atemporal

Ementa: A temporalidade africana e os estudos de gênero; estudos sobre corporalidades africanas; temporalidades e cooperação internacional; musicalidade e tempo; epidemias e colonialismo.

Bibliografia Básica:

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Salvador, EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

SARR, Felwine. *Afrotopia*. São Paulo: N1 Edições, 2019.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas epstemologias para entender o racismo*. Belo Horizonte, Nandyala, 2020.

HONWANA), Alcinda. Juventude, Waithood e protestos em África.
(JOHNSON), P. Por uma genealogia atlântica da possessão dos espíritos.
(MENA-LOPES), Marcel. A rainha de Sabá.

Leituras complementares:

(PIMENTA), Denise Moraes. "Medo de aviões, medo do branco: e epidemia do ebola em Serra Leoa"

(SANTOS), Potyguara Alencar dos: "Desabamento: Meta política e phallus egípcio" (em andamento – proibida a divulgação)

(MORAES), Sara Santos: "O palco e o mato: O lugar das *timbila* no projeto de construção da nação em Moçambique"

(PEREIRA) Bruna: "Scott e Oyeronke: um diálogo a partir de uma categoria de gênero"

(CRUZ) Denise Ferreira da Costa: "Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre a lida do cabelo crespo no Brasil e em Moçambique"

Estado, empresas, organismos internacionais e populações

Ementa: Estudos antropológicos sobre Estado, empresas e organismos internacionais. Projetos de desenvolvimento e seus efeitos para as populações. Lógicas de elites empresariais e estatais e suas formas de classificação, representação e poder. Processos coloniais e territorialização de grupos étnicos como eixos comparativos de análise.

Bibliografia básica:

BARROSO, Maria Macedo. "Lógicas de espacialização missionária e agendas da cooperação internacional: uma perspectiva multissituada a partir de ações junto aos povos indígenas". *Religião e Sociedade*, 35(2): 189-212, 2015.

BRONZ, Deborah e BEZERRA, Marcos (orgs.) "´Grandes empreendimentos´, Administração Pública e Populações". *Dossiê em Revista Antropolítica*, n. 37, p. 131-136, Niterói, 2. sem. 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. "Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento". In: SILVA, Kellly e SIMIÃO, Daniel. T*imor Leste por trás do palco. Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Pp. 417-426, 2005.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, M. V. de; FELDMAN-BIANCO, B. (coord.) *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2014.

BRONZ, Deborah. "O 'Estado não sou eu'. Estratégias empresariais no licenciamento ambiental de grandes empreendimentos industriais". *Campos*, 14(1-2):3655, 2013.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. "Povos indígenas no Brasil contemporâneo: de 'tutelados' a 'organizados'". In: INGLEZ DE SOUZA, Cássio et alii.(orgs). *Povos Indígenas: Projetos e Desenvolvimento II*. Rio de Janeiro: Laced/Contra Capa, 2010. p. 15-50.

DE L'ESTOILE, Benoit, NEIBURG, Federico e SIGAUD, Lygia. "Antropologia, impérios e estados nacionais: uma abordagem comparativa". In: ____. (orgs.). *Antropologia, Impérios Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002. p. 9-38.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. "Os deslocamentos compulsórios de índios e camponeses e a ideologia do desenvolvimento. In: MAGALHÃES, Sonia B. et alii (orgs.). *Energia na Amazônia. Belém*: MPEG, 1996. p.467-476.

SALVIANI, Roberto. *Participação e desenvolvimento sustentável no Brasil: a experiência da Itaipu Binacional*. Rio de Janeiro: Laced/Epapers, 2002.

Estudos sociais da ciência e da tecnologia

Ementa: A ciência como instituição social; O racionalismo crítico; Paradigmas, revoluções e história da ciência; O princípio de simetria e o programa forte para a sociologia da ciência; Elementos do programa empírico relativista; Conhecimento tácito; Etnografias de laboratório; Teoria do Ator-Rede; A crítica feminista e a ciência; Ciência, pós-verdade e anticiência.

Bibliografia Básica:

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011

CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 2017.

Bibliografia Complementar:

AKRICH, Madeleine. *Como descrever os objetos técnicos?* Boletim Campineiro de Geografia 4(1): 161-183, 2014.

BLOOR, David. *Conhecimento e imaginário social*. Ed. Unesp, 2009.

CALLON, Michel. *A agonia de um laboratório*. (mimeo). Traduzido por Ivan da Costa Marques e Disponível em http://www.necso.ufrj.br/Trads/

CARDOSO, Gabriel Pugliese. O gênero da ciência. Reflexões sobre a teoria ator-rede e a perspectiva feminista. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 1, p. 69-88, 2015.

CASTRO, Rosana. Economias políticas da doença e da saúde: população, raça e letalidade na experimentação farmacêutica. *Ayé: Revista de Antropologia*, v.1, n.1, 2019.

CESARINO, Letícia. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade. *Apresentação na VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia* – Florianópolis, 2019

COLLINS, Harry; PINCH, Trevor; DE OLIVEIRA,. *O golem: o que você deveria saber sobre ciência*. Unesp, 2003. Capítulo 4: Os germes da discórdia: Louis Pasteur e as origens da vida.

HELMREICH, Stephan. Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens sonoras imersivas, ciborgues submarinos e etnografia transdutora. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v.3, n.1, 174-214

HOUDART, Sophie. Humanos e não humanos na antropologia. *Ilha*, v.17, n.2, 2015.

KALPOKAS, Ignas. (2019), *A Political Theory of Post-Truth*. Londres, Palgrave Macmillan. 135p

KNORR-CETINA, Karen. *La fabricación del conocimiento: un ensayo sobre el caráter constructivista y contextual de la ciencia*. Bernal: Universidad de Quilmes Editorial, 2005. Capítulo 1

LATOUR, Bruno et al. *A esperança de Pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Unesp, 2001. Capítulos 2, 3 e 5

LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 15, n. 14-15, p. 339-352, 2006.

LATOUR, Bruno. Dadme un laboratorio y moveré el mundo. *Sociología de la Ciencia y la Tecnología*, p. 237-257, 1995.

LATOUR, Bruno. *Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997 – Capítulo 1

MATTEDI, Marcos. "A renovação da abordagem sociológica do conhecimento". In. *Sociologia e Conhecimento*. Chapecó: Argos, 2006.

MERTON, Robert. *Ensaios de sociologia da ciência*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETRYNA, Adriana. Experimentalidade: ciência, capital e poder no mundo dos ensaios clínicos. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, n. 35, p. 127-160, 2011.

RABINOW, Paul. Cortando os laços: fragmentação e dignidade na modernidade tardia. *Antropologia da Razão*, p. 159, 1999.

SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. *El Leviathan y la bomba de vacío: Hobbes, Boyle y la vida experimental*. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

SKLOOT, Rebecca. *A vida imortal de Henrietta Lacks*. Editora Companhia das Letras, 2011.

SOUZA, Iara Maria; RABELO, Miriam. Notas sobre a questão da agência. *Blog do sociofilo*. Diponível em https://blogdosociofilo.com/2017/11/13/notas-sobre-a-questao-da-agencia-por-iara-souza-e-miriam-rabelo/

Gêneros, famílias e masculinidades

Ementa: Generificação e colonialidades de gênero. Conjugalidades LGBTT. Família e parentesco no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa: alguns aspectos. O nascer das Masculinidades. Masculinidades nordestinas: Transgressão, subalternidade e vulnerabilidade.

Bibliografia Básica:

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Revista Estudos Feministas*, nº 2, 1995. Disponível em PDF.

BAMISILE. Sunday adetunji. A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo1 The search for an afro-centric ideology – from feminism to afro-feminism. *Revista Via Atlântica*. São Paulo. N. 24, dez. 2013, Pp. 257 a 270. Disponível em PDF

MARTINS, Catarina. Nós e as Mulheres dos Outros. Feminismos entre o Norte e a África. *Revista Geometria da Memória*. Edições Afrontamento, 2016.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora perspectiva, 1969.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Laços familiares/ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas. Em: *OYÈWÚMI, O. Family Bonds/Conceptual Binds: african notes on feminist epistemologies*. Signs. Vol. 25, n. 4. Feminisms at a millennium (summer, 2000).

PISCITELLI, Adriana. Gênero: história de um conceito. In: ALMEIDA, H.B. & SZWAKO, J.E (Org). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. Disponível em PDF.

Bibliografia Complementar:

BRITES, Jurema & MOTTA, Flávia de Mattos (Org.). *Etnografia, o espírito da antropologia: tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca*. ABA Publicações; Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

EBOH, Marie Pauline. *Teia Androcêntrica e Filosofia Ginista*. Vol. XIV, No. 1-2, 2000.

HOOKS, bell. Políticas feministas: em que ponto estamos. Em: _____. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. Dossiê Famílias em Movimento. *Cadernos Pagu*, 29, julho-dezembro de 2007.

SZWAKO, J.E (Org). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275208/mod_resource/content/1/PISCITELLI%2C%20Adriana.%20G%C3%AAnero%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20um%20conceito..PDF

ROSALDO, Michelle (1995). O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural. Em: *Horizontes Antropológicos*, n. 01, ano 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 11-36.

Intelectuais negras nas ciências sociais.

Ementa: Apresentar a contribuição teórica de intelectuais negras nas ciências sociais brasileiras. Analisar trajetórias acadêmicas e conceitos elementares. Problematizar contexto sociopolítico e acadêmico.

Bibliografia básica:

BICUDO, Virginia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Marcos Chor Maio (Org.) São Paulo, Editora Sociologia e Política, 2010.

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Coleção 2 pontos. Editora Marco Zero Ltda, Rio de Janeiro, 1982.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo, IMESP, 2007.

Bibliografia complementar:

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdades no Brasil*. Selo Negro, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo, Ática, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. *Ori*. (documentário), 1989. In: http://www.youtube.com/watch?v=_16NQrmxnSs

Introdução à arqueologia

Ementa: Oferecer visão ampla sobre a prática arqueológica. Apresentação de conceitos elementares de Arqueologia, bem como as linhas teóricas e métodos de pesquisa. Arqueologia como construção do passado. Problematização das dimensões políticas e sociais da disciplina. Arqueologia antropológica.

Bibliografia básica:

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. [Disponível na Biblioteca do Campus Palmares/Unilab: n. de chamada **980.41 F272i]**

ISKANDER, Z. A Arqueologia da África e suas técnicas. Processos de datação. In: KI-ZERBO, Joseph. *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo/Brasília, Cortez Editora/UNESCO, 2010. Pp. 213-246. [Disponível em PDF; e Disponível na Biblioteca do Campus Palmares/Unilab: n. de chamada **960 H58 2. ed.**]

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991. [Disponível em PDF]

Bibliografia complementar:

BINFORD, Lewis. *Archaeology as Anthropology*. American Antiquity, v. 28, n. 2, pp. 1-37, 1962. [Disponível em PDF]

GNECCO, Cristóbal. "Escavando" arqueologias alternativas. *Revista de Arqueologia*, v. 25, n. 2, pp. 08-22, 2013. [Disponível em PDF]

GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas (excetuando a Amazônia). In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Ed.). *História dos índios no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. pp.37-52. [Disponível em PDF]

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra : história e civilizações: Tomo I (até o século XVIII)*. São Paulo: EDUFBA, 2015**. [**Disponível na Biblioteca do Campus Palmares/Unilab: n. de chamada **967 M1a]**

SCHAAN, Denise. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, pp. 13-44, 2013. [Disponível em PDF]

Laudos Antropológicos

Ementa: Debates em torno do conceito de perícia antropológica: laudo, relatório, parecer. Demandas de perícia antropológica. Direitos constitucionais, conflitos sociais e as políticas públicas. Problemas teóricos, metodológicos na elaboração de relatórios e laudos antropológicos. Código de Ética do antropólogo/a, normas e legislação que incidem sobre a produção das principais peças técnicas antropológicas. O campo de atuação profissional e análise de laudos e de relatórios antropológicos a partir de exemplos concretos.

Bibliografia básica:

BASTIDE, Roger. "História da antropologia social aplicada". Em: *Antropologia Aplicada*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, João Pacheco de; Mura, Fabio ; Silva, Alexandra Barbosa. *Laudos antropológicos em perspectiva*. Brasília- DF: ABA, 2015.

SILVA, Orlando S. et al. *A Perícia Antropológica em Processos Judiciais*. Florianópolis: Edufsc, 1994

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Alfredo Wagner. *Os quilombos e a base de lançamento de foguetes de Alcântara. Laudo Antropológico*. Brasília: MMA, 2006.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: *Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*. Jaques Revel (Org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

LEITE, Ilka B. (Org.). *Laudos antropológicos em debate*. Florianópolis: Nuer/UFSC e ABA, 2005.

SILVA, Aracy Lopes da. "Há antropologia nos Laudos Antropológicos". In: SILVA, Orlando S. et al. (Orgs.) *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: EdUFSC, 1994.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos. A identificação como categoria histórica. In: I 1977-2002. Souza Lima, Antonio Carlos e Barreto Filho, Henyo Trindade (Orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / LACED/CNPq/FAPERJ/IIEB, 2005.

Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Ementa: Conceituação e caracterização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Utilização das línguas de sinais (gestual) na comunicação entre o professor e o aluno surdo, contribuindo para o reconhecimento dos direitos e competências como sujeito e cidadão, além de favorecer a socialização e inserção do aluno no ambiente escolar, bem como sua permanência nas instituições de ensino.

Bibliografia básica:

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC, 2004.

ALMEIDA, E. C. *Atividades ilustradas em sinais de LIBRAS*. São Paulo: Revinter, 2004.

BARBOZA, H. H.; MELLO, A. C. P. T. *O surdo, este desconhecido*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1997.

Bibliografia complementar:

BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.

DIDEROT, D. *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

FELIPE, T. A., MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto: Curso básico: Livro do professor*. 5. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

LEITE, T. de A.; MCCLEARY, L. E. Aprendizagem da língua de sinais brasileira como segunda língua: estudo em diário. In: *SEMINÁRIO DO GEL*, 49., 2001, Marília. Seminário do GEL - programação e resumos. Assis: Diretoria do GEL (1999-2001), 2001.

QUADROS, R. M., KARNOPP, *L.B.Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Mestra(e)s das culturas e o encontro de saberes

Ementa: Relações entre conhecimentos tradicionais e científicos; universidade pluriepistêmica; encontro de saberes; mestra(e)s das culturas; artes, ofícios e cosmologias dos saberes tradicionais.

Bibliografia básica:

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2018.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissenções entre saberes tradicionais e saber científico. In:_____(Org.). *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos*: modos e significados. Brasília: INCTI, 2015.

Bibliografia complementar:

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia C.R., SALGADO, Flávia S. Mapeando os mestres e mestras dos saberes populares e tradicionais. In: VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS CULTURAIS, 2016. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2016.

CEARÁ. *Lei 13.351/2003*. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (RMCTP-CE) e dá outras providências. Ceará: Diário oficial, 25 de agosto de 2003.

CEARÁ. *Lei 13.842/2006*. Institui o Registro dos "Tesouros Vivos da Cultura" no Estado do Cear e d outras providências. Diário Oficial Estadual, Fortaleza, 2006.

CEARÁ. *Lei 16.026/2016*. Institui o Plano Estadual de Cultura do Ceará. Diário Oficial Estadual, Fortaleza, 2016.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. *Farmacopéia Popular o Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari, 2009.

INCTI. *Encontro de saberes nas universidades*: atualização 2010-2018. Brasília: INCTI/UNB/CNPQ, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Universidade no século XXI*: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, Edições Almedina, 2009.

TUKANO, Álvaro. *O mundo Tukano Antes dos Brancos*. Brasília: AYÓ, 2017.

UECE. Resolução Nº 1092/2014: dispõe sobre as normas para a outorga do título de Notório Saber pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. *CONSUNI*, Fortaleza, 2014.

UFMG. Resolução complementar nº 01/2020, de 28 de maio de 2020. In:_____. *Boletim*, Belo Horizonte, nº 2091, ano 46, edição especial, 2020.

UFSB. Resolução 17/2015: regulamente a concessão de Graus Universitários Especiais no âmbito da Universidade. *Reitoria*, Itabuna, 2015.

Nacionalismo e Pensamento Africano contemporâneo.

Ementa: Das armas à poética – as condições de possibilidades do surgimento de uma consciência nacionalista em África; Corpos dóceis e o "homem novo": o partido único e crítica ao contraditório; África e o neocolonialismo; A distopia: as promessas do socialismo africano à possibilidade de laissez-faire; A disputa por memórias e as histórias dos vencedores; Tempos novos e utopias rejuvenescidas.

Bibliografia Básica:

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Luanda: Ed. Mulemba, 2014.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

KHOSA, Ungulani, Ba Ka. *Ualalapi*. Lisboa: Caminho, 1990.

KHOSA, Ungulani, Ba Ka. *Entre memórias silenciadas*. Maputo, Moçambique. Ed. Alcance, 2013.

KHOSA, Ungulani, Ba Ka. *Orgia dos loucos*. Maputo: AEMO, 1990.

Bibliografia Complementar:

COELHO, João Paulo Borges. Abrir a fábula: questões da política do passado em Moçambique, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106, 2015; p.153-166.

MACHEL, Samora Moisés. *A Nossa Luta*. Maputo: Impressa Nacional, 1975.

MACHEL, Samora Moisés. A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de sua continuidade, condição de seu triunfo. *Coleção Estudos e Orientações*, n. 4, Frelimo: CEA – UEM, 1974. MARCUSSI, Alexandre Almeida.

MENESES, Maria Paula. Xiconhoca, o inimigo: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106, 2015; p.9-52.

NEGRÃO, José. *O novo no lugar do contra. Moçambique e a reinvenção da emancipação social*, v. 1, p. 277, 2004.

NGOENHA, Severino Elias. *Das independências às liberdades*. Edições Paulistas - África, 1993.

NGOENHA, Severino Elias. *Machel: ícone da 1ª República?* Maputo: Ndjira, 2009.

THOMAZ, Omar Ribeiro. "Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista, *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, v.51, No.1; p. 177-214.

Organizações Negras Brasileiras

Ementa: Estratégias e alianças no período da escravidão. Quilombos e remanescentes de quilombos no Brasil e no Ceará. Protagonismo negro no pós-abolição. Sociabilidades e resistências de matriz africana no Ceará. A imprensa negra brasileira. Associativismo e clubes sociais negros. Congressos afro-brasileiros e negros. Movimento negro contemporâneo no Brasil e no Ceará. O protagonismo negro e as suas interfaces com a cultura, a política e a educação.

Bibliografia Básica:

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade*: legados do pós-emancipação no Brasil. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 100p.

MARQUES, Janote Pires. *Festas de Negros em Fortaleza*: Territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900). Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

Bibliografia complementar:

GOMES, Arilson Santos. Oásis e Desertos no Brasil: Da Frente Negra Brasileira aos congressos nacionais sobre a temática afro-brasileira e negra. *Acervo* (Rio de Janeiro), v. 22, p. 131-146, 2010.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, Joelma Gentil do. *Memórias organizativas do movimento negro cearense*: algumas perspectivas e olhares das mulheres militantes, na década de oitenta. 2012. 189f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson. *Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2017.

SOUSA. Antônio Vilamarque Carnaúba de. *Da negrada negada*: a negritude fragmentada - o movimento negro e os discursos identitários sobre o negro no Ceará (1982-1995). Dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2006.

Temáticas Antropológicas Contemporâneas

Ementa: Novos temas e problemas da antropologia brasileira: patrimônio material e imaterial; gênero, corpo e sexualidade; movimentos sociais na contemporaneidade; Estado e violência; Antropologia da África.

Bibliografia Básica:

LIMA, Manuel Ferreira et all. *Antropologia e Patrimônio Cultural*: Diálogos e Desafios Contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007.

COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a Luta*. Sociabilidade, Falas e Rituais na Construção de Organizações Camponesas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

TRAJANO FILHO, Wilson. *A África e o movimento*: reflexões sobre os usos e abusos dos fluxos. In: DIAS, Juliana & LOBO, Andréa. África em Movimento. Brasília: ABA Publicações, 2012, p.23-45.

Bibliografia complementar:

PASSOS, Elizete et all. *Metamorfoses*: gênero nas perspectivas interdisciplinares. Salvador, UFBA, NEIN, 1998.

MACEDO, João Paulo. *A Invenção da "Juventude Violenta". Análise da elaboração de um política pública*. RJ, LACED:E-Papers, 2009.

VIANNA, Adriana e Farias, Juliana. *A Guerra das Mães: dor e política em situações de violência institucional*. Cadernos Pagu, 37. Campinas: jul-dez 2011

DIAS, Juliana B. *Mornas e Coladeiras de Cabo Verde*: versões musicais de uma nação. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2004.

MARQUES, Diego Ferreira. *O carvalho e a mulemba*. *Angola na narrativa colonial portuguesa*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.

9. Atividades Complementares

O estudante deverá obrigatoriamente desenvolver atividades complementares na forma de atividades acadêmico-científico-culturais. Essas atividades perfazem um total de 120 (cento e vinte) horas aulas e deverão ser cumpridas pelos estudantes ao longo dos semestres letivos. Esta carga horária obedece à seguinte orientação do Conselho Nacional de Educação: "Parágrafo único. Os estágios e atividades complementares dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, não deverão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações legais em contrário." BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *RESOLUÇÃO Nº 2***,** [Brasília], 18 DE JUNHO DE 2007, p. 2).

Cabe destacar que o Curso de Antropologia não prevê estágio obrigatório, pois no âmbito do bacharelado não se enquadra o estágio docente como formação intrínseca ao curso. Por outro lado, destacamos que o trabalho de campo como a prática inerente ao fazer antropológico consolida a formação teórico-metodológica de nosso alunado. Essas atividades deverão permitir ao estudante vivenciar, no decorrer de todo o curso, atividades diferenciadas, de forma que busque um aprofundamento em áreas de interesse e atenda a mudança expressiva no perfil estudantil como cita o Parecer CNE/CES n. 492/2001.

O processo de homologação, reconhecimento e integralização da carga horária referente às Atividades Complementares, será realizada pela coordenação de curso e caberá as/aos discentes apresentar as comprovações entre o sexto e sétimo período letivo via SIGAA.

Dessa forma, serão consideradas no cômputo das horas as seguintes atividades, desde que reconhecidas, supervisionadas e homologadas pelo Colegiado do Curso de acordo com a Resolução Consuni/Unilab n. 20/2015; prática integrada de ensino, pesquisa e extensão

articuladas ao currículo, vivências nas áreas artística, humanística, científica e tecnológica, competências e habilidades adquiridas em outras formações e contextos, valorização do trabalho de equipe, entre outros, conforme disposto no quadro abaixo.

Atividade	Equivalência	CH Minína	CH Máxima
Bloco I - Atividades de formação social, humana e cultural		**40**	
Participação em atividades artísticas e culturais	direta	-	40
Atividades esportivas	direta	-	40
Cursos de línguas estrangeiras	direta	-	40
Bloco II - Atividades de iniciação científica, tecnológica ou de formação profissional		**40**	
Iniciação à pesquisa —participação em programas PIBIC, (como bolsista ou voluntário) e/ou participação em Grupos de Pesquisa sediados na Unilab	20H/semestre	-	40
Participação em programas PULSA, PBIDIN e PROBTI	20H/semestre	-	40
Apresentação de trabalhos em congressos, encontros e colóquios acadêmicos	5h/trabalho	-	40
Participação na produção de publicações em jornais, revistas técnico-científicas, anais de eventos técnico-científicos	10h/trabalho	-	40
Publicação de resumos ou resumos expandidos em eventos acadêmicos	20h/trabalho	-	40
Publicação de trabalhos completos em anais de eventos acadêmicos, artigos de periódicos acadêmicos (constantes da base de dados Qualis da Capes), capítulos de livros em editora universitária ou com conselho editorial.	direta	-	40
Participação em cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica complementar	direta	-	40
Facilitação de cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica complementar	4h/hora	-	40
Participação em bancas de defesa de graduação ou pós-graduação (como ouvinte)	2h/evento	-	40

Bloco III - Participação em atividades associativas e de cunho comunitário		**40**	
Participação em Órgãos Colegiados da Unilab	5h / semestre	-	40
Participação em comissões de trabalho da Unilab	5h / comissão	-	40
Participação em entidade estudantil	5h / semestre	-	40
Participação em organizações da sociedade civil — participação em associações, movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e demais organizações da sociedade civil.	5h / semestre	-	40

10. Atividades Obrigatórias de Extensão Universitária

As diretrizes para atividades de extensão serão baseadas na à Resolução CNE/CES n. 07/2018 e à Resolução Consuni/Unilab n. 27/201. E, Para atender a estratégia do Plano Nacional de Educação (2014-2024) de "assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social", segundo a LEI 13.005 (PNE/JUNHO DE 2014). o curso exige 240 horas de participação dos (as) estudantes em projetos e/ou programas de extensão.

A extensão curricularizada no âmbito do curso terá como referência a Resolução CNE/CES n. 07 de 18 de dezembro de 2018 e a Resolução CONSEPE/UNILAB Nº 81, DE 20 DE ABRIL DE 2021. Para atender a estratégia do Plano Nacional de Educação (2014-2024) de "assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social", segundo a LEI 13.005 (PNE/JUNHO DE 2014). No caso do Bacharelado em Antropologia essa carga horária de 10% corresponde a 246 horas.

Segundo artigo 27 da RESOLUÇÃO CONSEPE/UNILAB 81/21, a creditação de extensão curricular universitária pode ser desenvolvida a partir das seguintes ações:

I - ações de extensão diversas (programa, projeto, curso, evento e prestação de serviço), devidamente cadastradas na Pró-reitora de Extensão, Arte e Cultura;

II - programa de extensão das Unidades Acadêmicas e Especiais, devidamente cadastrados na Pró-reitora de Extensão, Arte e Cultura;

III - disciplinas mistas com previsão da carga horária de extensão como parte das respectivas disciplinas;

IV - componente curricular denominada Componente Curricular Sociedade e Universidade(CCSU), a qual deverá ser planejada e organizada pela Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura e PróReitoria de Graduação.

11. Metodologia de Ensino e Aprendizagem

O ensino de antropologia exige a introdução de diferentes componentes didáticos como estratégia para o ensino e a aprendizagem. Assim, a reflexão sobre a teoria deve vir

acompanhada pela prática e pelo contato com a realidade social. Como parte fundamental do fazer antropológico, incorpora-se a prática da pesquisa de campo enquanto método não apenas de pesquisa, mas sobretudo de aprendizagem da reflexão antropológica sobre as diferentes realidades sociais, locais e internacionais. Neste sentido, a perspectiva comparativa, cara à antropologia, deve servir como alicerce para a reflexão teórica e prática.

Da mesma forma, o uso das tecnologias da informação e comunicação será considerado como parte do desenvolvimento das competências e habilidades do(a) aluno(a). A interação com as tecnologias e culturas digitais, com os novos espaços de criação e experiências midiáticas, auxiliará no processo de inclusão digital e conectividade entre alunos(as) e professores(as), bem como com a realidade dos países parceiros. O acesso aos laboratórios, à utilização do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), de softwares de pesquisas qualitativas, equipamentos audiovisuais bem como o desenvolvimento de cartografias tecnológicas, estudos de ciberespaços e etnografias de sistemas, são ferramentas importantes no aprimoramento das competências e habilidades no processo de ensino e aprendizagem.

Finalmente, os(as) aluno(as) serão avaliados continuamente por sua capacidade de integrar a prática da pesquisa de campo e a reflexão sobre a teoria e a realidade social, familiar ou não.

12. Avaliação

O PPC se caracteriza como instrumento de avaliação dos cursos de graduação, sendo um dos componentes principais do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior no

Brasil (SINAES). Este é um procedimento utilizado pelo MEC para realizar o reconhecimento e a renovação dos cursos de graduação em funcionamento no país. Ou seja, isso representa uma medida necessária para a emissão e o reconhecimento de diplomas.

O SINAES estabelece também a Avaliação Institucional, que consiste de diretrizes e instrumentos de avaliação externa da educação superior estabelecido pelas IES, sob a gestão pública do MEC/CONAES/INEP. Um parâmetro importante dessa avaliação é a articulação do PPC com o PDI e PPI. Dessa forma, o PPC não se circunscreve ao âmbito dos cursos de graduação, mas ao revés expressa de modo concomitante a autonomia da universidade na produção de conhecimento e as políticas públicas governamentais de promoção da educação, integração e inclusão social e econômica.

12.1 Avaliação do Curso

A cada semestre a Comissão Permanente de Avaliação – CPA aplicará um questionário estruturado junto aos docentes e discentes contemplando as ações de avaliação de caráter administrativo, acadêmico e curriculares, permanentes e integradas, e em consonância com as políticas e a legislação nacional e com as normas internas da UNILAB. Posteriormente, será gerado um relatório e encaminhado as informações para a coordenação do curso. Essas informações deverão servir de base para a coodenação do curso fomentar um planejamento na busca de solucionar as demandas diagnosticadas.

12.2 Da Aprendizagem

A sistemática de avaliação da aprendizagem será feita com base nas normas estabelecidas pelo Regimento Geral da UNILAB, lembrando que o professor deve adotar um sistema de avaliação acadêmica de caráter diagnóstico baseado nos tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa, conforme Resolução CONSUNI n. 27/2014.

Para obter aprovação final em cada uma das disciplinas do Curso de Bacharelado em Antropologia o estudante deverá obter Média igual ou superior a 7,0 (sete). Caso o estudante obtenha Média inferior a 7,0 (sete) e igual ou superior a 4,0 (quatro) lhe será facultado a realização de um Exame Final.

Deve-se também avaliar a disciplina e seu desempenho, objetivando detectar falhas cometidas que serão corrigidas no planejamento da disciplina, contribuindo para a melhoria da qualidade do profissional que se pretende formar.

12.3 Do Currículo

O Currículo para o Curso de Bacharelado em Antropologia foi implantado em 2014. E o seu desenvolvimento curricular se deu por meio das seguintes etapas:

- Abertura de 80 (oitenta) vagas no turno noturno;
- O aproveitamento de estudos será feito através de normas a serem elaboradas pelo Colegiado de Curso, para os estudantes de currículos anteriores que optarem pelo que está sendo implantado;
- Caberá à Coordenação de Curso de Bacharelado em Antropologia e ao Colegiado do Curso com a supervisão da Comissão Permanente de Acompanhamento e Avaliação de Currículo, acompanhar a este currículo, bem como orientar estudantes e professores sobre o mesmo;
- Criar-se-á um Fórum permanente de discussão do Curso, bem como a realização de encontros com estudantes, professores e egressos para verificação dos resultados alcançados;
- Realizar a cada ano uma avaliação formal para detectar se há necessidade de alteração em algum dos componentes do currículo.

12.3.1 Da metodologia de avaliação do currículo

- reunião periódica os professores, agrupados por disciplinas afins, com o objetivo de avaliar a dinâmica de integração curricular;
- avaliação da elaboração e execução dos planos de curso de disciplinas de acordo com o que estabelecem as ementas definidas neste currículo;
- aplicação, ao final de c

- ada período letivo, de um questionário de avaliação do desenvolvimento de cada disciplina ofertada;
- realização de pesquisas periódicas para detectar o grau de satisfação dos egressos com a formação recebida e sua relação com o mercado de trabalho.

13. Apoio ao Discente

De acordo com Resolução nº 008 de 23 de abril de 2014, a qual institui e regulamenta o Programa de Assistência ao Estudante – PAES destinado aos estudantes dos cursos de graduação e de acordo com a política institucional de inclusão social, bem como princípios da democratização do acesso e permanência no ensino superior, reproduzimos o conteúdo elaborado pela equipe de assistência social do PAES. O referido documento descreve as

políticas de assistência estudantil, bem como reflete a importância para a avaliação institucional como parte do processo de reconhecimento.

Vale ressaltar quer equipe de assistência social" é vinculada à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROPAE), instância responsável, no âmbito da Unilab, pelo manejo dos recursos do Programa de Assistência Estudantil (PAES). E dispomos de Restaurante Universitário (RU) e do Sistema de Intercampi disponibilizado para o deslocamento dos estudantes entre os campi da Unilab no Ceará.

O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) apoia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior (IFES).

OBJETIVOS:

- Promover a inclusão social pela educação, minimizando os efeitos das desigualdades sociais na permanência e conclusão da educação superior e reduzindo as taxas de retenção e evasão.
- As diretrizes definidas no PAES convergem com a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) regulamentada pelo Decreto N. 7.234 de 19 de julho de 2010.
- Viabilizar a oportunidade de igualdade a todos os estudantes;
- Contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão.

Público – alvo: estudantes regularmente matriculados nos curso de graduação presencial oriundos da rede pública de educação básica e/ou com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio.

Requisitos para participar do PAES: Estar regularmente matriculado em curso de graduação presencial da Unilab;

- Estar frequentando regularmente as aulas;
- Possuir renda per capta familiar de até um salário mínimo e meio;
- Não ter sofrido sanção disciplinar;
- Não se enquadrar nas situações previstas para o cancelamento de matrícula.

Processo de Seleção:

A seleção para ingresso no PAES é de responsabilidade da COEST/Propae, que contará com apoio de Comissão de Seleção COSAPE constituída pela Portaria GR nº368, de 18 de setembro de 2012, publicada nos termos das normas institucionais.

1. Fases do Processo Seletivo: Inscrição

2. Análise documental
3. Análise socioeconômica
4. Entrevista
5. Visita domiciliar

Critérios para a Seleção:
1. Renda *per capita* do grupo familiar;
2. Situação de moradia;
3. Localização da moradia;
4. Condição do ingresso no Ensino Médio;
5. Situações de agravo de doenças no grupo familiar;
6. Renda Instável.

OBRIGAÇÕES DOS BENEFICIÁRIOS do PAES (Art. 14 da Resolução 07/2012)

O estudante beneficiário de Auxílio(s) tem o dever de:

I – Comprovar regularmente as despesas com moradia, conforme disposto em Edital, condição essa indispensável para a garantia do repasse financeiro do Auxílio Moradia;

II – Em caso de vulnerabilidade acadêmica, entendida como desenvolvimento acadêmico inferior ao patamar satisfatório do Índice de Desenvolvimento do Estudante (IDE), vincular-se à Programas de Educação Tutoria e/ou ao atendimento do Núcleo Interdisciplinar de Acompanhamento Psicopedagógico (NIAPE), ambos sob gestão da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), conforme indicado pelas instancias competentes;

Desvinculação do PAES:

a) Encerramento da vigência do Termo de Compromisso e não renovação da concessão do Auxílio;

b) a pedido do estudante beneficiário, desde que formalizado junto à COEST/Propae; c) por trancamento, abandono ou desligamento do Curso;

d) pelo não cumprimento das condições e exigências estabelecidas na Resolução 08/2014;

e) quando o estudante beneficiário apresentar três ou mais reprovações no trimestre, três ou mais reprovações em uma mesma disciplina em trimestres letivos distintos, subsequentes ou não, e uma ou mais reprovações por falta; quando comprovada a aplicação de sansão disciplinar;

g) quando comprovada que o estudante beneficiário passou a desenvolver atividade

remunerada, com ou sem vínculo empregatício, excetuando em caso de análise rigorosa de situação de vulnerabilidade socioeconômica, em situação de excepcionalidade;

h) quando comprovada que a renda familiar per capita é superior a um salário mínimo e meio;

i) quando comprovada a omissão de informações, falta de veracidade nas informações declaradas e/ou falsa comprovação de documentos no processo de seleção e/ou acompanhamento do Programa.

Disposições Finais

Após a divulgação do resultado final da seleção para o PAES, o candidato contemplado deverá, no período indicado, dirigir-se à COEST/Propae para sua habilitação com a assinatura do Termo de Compromisso e prestação de informações sobre conta corrente bancária ativa, em nome exclusivo do contemplado, em qualquer banco, não podendo ser conta poupança, nem conta salário.

As modalidades previstas de auxílio de acordo com o Art. 6º da Resolução 008 são: 1a) Auxílio moradia: concedido com o objetivo de garantir condições de residência nos municípios sede dos Campi da Unilab, cujo grupo familiar resida distante da sede do curso presencial onde o estudante se encontra regularmente matriculado (fora zona urbana dos municípios dos Campi), cujo acesso aos Campi seja dificultado pela ausência de transporte regular, pela distância ou por outros fatores devidamente justificados, com documentação pertinente;

2b) Auxílio Instalação: concedido com o objetivo de apoiar os estudantes beneficiários do Auxílio Moradia a proverem condições de fixação de residência nos municípios sede dos campi da Unilab, no que se refere à aquisição de mobília, eletrodomésticos, utensílios domésticos, entre outros itens especificados em edital regular ou o defluxo contínuo;

3c) Auxílio Transporte; concedido com o objetivo de complementar despesas com transporte e apoiar no deslocamento para a Unilab, assegurando-lhes as condições para acesso às atividades universitárias;

4d) Auxílio Alimentação: concedido com o objetivo de complementar despesas com alimentação;

5e) Auxílio Social: concedido com o objetivo de apoiar estudantes em situação de elevado grau de vulnerabilidade socioeconômica familiar;

6f) Auxílio Emergencial: auxílio de natureza eventual e provisória, concedido de forma excepcional em razão de situação de caráter emergencial aos estudantes cujas condições de

extrema vulnerabilidade socioeconômica ponham em risco sua permanência na Universidade. Os estudantes beneficiários do Auxílio Instalação terão até 30 (trinta) dias para apresentar documentos comprobatórios referentes à aquisição de bens que viabilizem condições para fixação de residência, conforme disposto no Art. 6º da Resolução N° 08, de 23 de abril de 2014. Para fins de aquisição de que trata o Auxílio Instalação, são entendidos como bens essenciais de mobília: cama, colchão, guarda-roupa, mesa, cadeira, armário; De eletrodomésticos: geladeira e fogão; de utensílios domésticos: panelas, talheres, pratos e copos; Outros: roupa de cama, mesa e banho. Para a aquisição de bens não relacionados no item anterior deve ser solicitada autorização da Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE) por meio de requerimento próprio.

Poderá haver acúmulo de Auxílios em caso de comprovada situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica, mediante análise criteriosa da Comissão de Seleção.

2. Somente poderá haver acúmulo dos Auxílios moradia e alimentação ou dos auxílios transporte e alimentação, em caso de recursos disponíveis, análise rigorosa da Comissão de Seleção e uma vez atendidos os critérios estabelecidos;

3. Os Auxílios previstos no PAES, com exceção do Auxílio Instalação, terão vigência de doze meses (12) a contar da data da assinatura do Termo de Compromisso, resguardando o direito da Unilab de atualizar os dados sempre que necessário. Decorrido esse período, o estudante poderá realizar o pedido de renovação do Auxílio, conforme for estabelecido pela CAE/Prograd.

Além dessas ações, a UNILAB promove outras iniciativas que visam garantir o acesso, a inclusão social e a permanência de estudantes brasileiros e estrangeiros. Dentre essas ações, destacam-se:

• Serviço de Atendimento Psicológico (SATEPSI).

O Serviço de Atendimento Psicológico (Satepsi) da Unilab é uma iniciativa do Núcleo de Atenção às Subjetividades (NIAS), destinado a receber os estudantes que desejem ser atendidos por profissionais da Psicologia. Oferecido pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (Propae), através da Coordenação de Políticas Estudantis (Coest), o Satepsi alinha-se às atuais diretrizes da Política Nacional da Assistência Estudantil. Além disso, a diversidade de formação dos profissionais do Satepsi permite oferecer ao estudante

variadas modalidades de atendimento em Psicologia, como atendimentos individuais (Psicologia Fenomenológico-existencial e Psicanálise), grupos de desenvolvimento pessoal, interpessoal, terapêuticos, entre outros.

• **Fórum de assuntos estudantis (CAE)**

O Fórum de Assuntos Estudantis é um espaço de discussão, planejamento e avaliação das ações que envolvem os alunos tanto na esfera econômica (auxílios e bolsas) quanto nas questões sociais, esportivas e culturais.

• **Programa de Esporte e Lazer**

A Pró-Reitoria de Graduação, através da Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE), oferece uma programação de esporte e lazer voltada aos alunos matriculados na Unilab. As atividades são orientadas por educadores físicos e profissionais da área e são realizadas em parceria com as Secretarias Municipais de Educação dos municípios Parceiros da UNILAB. Deste modo, a partir de ações em conjunto e articuladas entre si e com as atividades de ensino pesquisa e extensão, a UNILAB está alinhada ao Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, executado no âmbito do Ministério da Educação, tendo como finalidade ampliar a permanência dos jovens na educação superior pública federal.

• **Programa PULSAR – Programa de Acompanhamento de Estudantes de Cursos de Graduação**

O Programa PULSAR foi criado e regulamentado por meio da Resolução Nº 29, de 25 de novembro de 2014. A qual vincula o Programa à Pró-Reitoria de Graduação da Unilab e o constitui como instrumento institucional permanente de acompanhamento e orientação acadêmica dos estudantes dos cursos de graduação, na forma de ações de tutoria. O PULSAR tem como objetivos:

I. Promover a adaptação do estudante à Unilab mediante a apresentação e a difusão da missão e dos paradigmas estatutários e normativos que orientam a instituição;

II. Contribuir para a permanência qualificada do estudante nos cursos de graduação da Unilab;

III. Orientar o estudante para uma transição tranquila da Educação Básica para a Superior; IV. Promover ações que auxiliem o fortalecimento do desempenho acadêmico dos estudantes com vistas à construção de uma experiência acadêmica de excelência;

V. Fazer reconhecer, vivenciar e refletir sobre a interdisciplinaridade dos conhecimentos científicos e tecnológicos, assim como as relações entre ensino, pesquisa e extensão e o ambiente universitário em geral;

VI. Incentivar a independência e autonomia, tornando o estudante empreendedor da sua própria formação e reflexivo sobre o próprio processo de aprendizagem;

VII. Contribuir para a integração sociocultural do estudante no ambiente acadêmico;

VIII. Habilitá-lo ou dar-lhe instrumentos para que faça escolhas curriculares e formativas condizentes com seus interesses e com as normas da graduação.

• Seminário de Ambientação Acadêmica – (SAMBA)

O SAMBA é uma ação realizada pela COEST/PROPAE em colaboração com as demais pró reitorias da Unilab. O seminário ocorre nos períodos de entrada de estudantes ingressantes e tem como objetivos: promover o acolhimento e a ambientação à vida acadêmica; facilitar a integração intercultural ao ambiente acadêmico e à rotina universitária, contribuindo para a permanência estudantil no ensino superior; fomentar a socialização de informações sobre às questões de raça/etnia, gênero; prestar esclarecimentos sobre as legislações brasileiras aos estudantes internacionais e repassar informações sobre as ações desenvolvidas pela universidade no âmbito da permanência estudantil.

• Programa Observatório da Vida Estudantil (Observe/Unilab)

Para o acompanhamento e avaliação de todas estas modalidades de apoio discente, foi criado, em 2016, o Programa Observatório da Vida Estudantil (Observe/Unilab). O Observe/Unilab tem por objetivo conhecer, compreender e acompanhar a trajetória de vida e as vivências pessoais e acadêmicas dos estudantes brasileiros e internacionais da Unilab, com vistas a viabilizar sua permanência exitosa na Universidade. A Unilab entra para o pequeno grupo de universidades brasileiras que contam com um Observatório dessa natureza.

No caso do Observe/Unilab, a expectativa é de que a Unilab/ Propae passe a contar com informações úteis ao aprimoramento dos processos de planejamento, gestão, execução e avaliação da política de assistência estudantil em curso, construindo instâncias e instrumentos

que possibilitem a participação e o acompanhamento dos itinerários dos estudantes.

Por meio do Observe/Unilab também se poderá incentivar a participação e o controle sociais dos estudantes na política de assistência estudantil, nos níveis do planejamento, gestão e avaliação, através da criação de espaços de diálogo, como conselhos e fóruns permanentes; articular e fortalecer a interlocução entre universidades nordestinas, nacionais e internacionais, através de promoção de seminários, encontros, fóruns; constituição de parcerias; institucionalização de uma rede abrangente de informações como dispositivo de troca de experiências.

O programa está ligado administrativamente à PROPAE e terá sede na Unidade Acadêmica dos Palmares, bloco II, sala 103. Funcionará também no Campus de São Francisco do Conde/BA. A equipe que o comporá, em fase de constituição, será composta por pesquisadores externos, docentes da Unilab, técnico s-administrativos e 12 bolsistas, oito no Ceará e quatro na Bahia.

14. Colegiado do Curso De Antropologia

14.1 Do conceito do Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso faz parte da estrutura da universidade, a qual é composta por órgãos superiores, intermediários e de base, com função deliberativa, executiva, de controle, fiscalização e supervisão, bem como por instâncias consultivas. No Art. 20 Parágrafo 3º do Estatuto da Unilab o Colegiado de Curso é um órgão de base com caráter deliberativo para assuntos acadêmicos, administrativos e disciplinares da administração básica setorial, em matéria de ensino; pesquisa e extensão.

14.2 Da composição de Colegiado de Curso

De acordo com o Art. 47. do Estatuto da UNILAB, o Colegiado de Curso de Graduação composto por:

a) Coordenador;

b) todos os docentes, em efetivo exercício, que ministrem disciplinas ofertadas pelo Curso de Graduação;

c) servidores técnico-administrativos em educação da Coordenação do Curso, eleitos por seus pares, com os respectivos suplentes, na proporção de até 15% (quinze por cento) do Colegiado;

d) servidores técnico-administrativos em educação da Coordenação do Curso, eleitos por seus pares, com os respectivos suplentes, na proporção de até 15% (quinze por cento) do Colegiado;

d) discentes do curso, eleitos por seus pares, com os respectivos suplentes, na proporção de até 15% (quinze por cento) do Colegiado.

Parágrafo Único. O Colegiado do Curso reunir-se-á, ordinariamente, a cada trinta dias, e extraordinariamente por convocação de seu presidente ou por decisão de dois terços de seus membros.

14.3 Das atribuições do Colegiado de Curso

Compete ao Colegiado de Curso:

I. deliberar sobre as atividades do Curso, de acordo com as normas estabelecidas pelo Consuni;

II. fazer a coordenação e a supervisão didático-pedagógica do Curso com vistas ao seu constante aprimoramento e atualização;

III. promover a avaliação do Curso, em articulação com os objetivos e critérios institucionais;

IV. desenvolver ações integradoras entre as demais unidades responsáveis por componentes curriculares do curso, de forma a garantir os princípios e finalidade da Universidade;

V. elaborar e aprovar o Projeto Pedagógico do Curso;

VI. elaborar e aprovar o Plano Anual das Atividades do Curso;

VII. aprovar bancas de defesa de monografias, dissertações e teses, quando couber;

VIII. aprovar programas dos componentes curriculares do curso, projetos de ensino, pesquisa e extensão, submetendo-o, em seguida, ao Conselho da Unidade Acadêmica;

IX. promover a articulação e a compatibilização das atividades e planos de trabalho acadêmicos do Curso;

X. propor e aprovar, em primeira instância, alterações no currículo do Curso, bem como a criação e extinção de componentes curriculares;

XI. avaliar as atividades de ensino ministradas nos componentes curriculares do Curso;

XII. encaminhar à Direção da Unidade Acadêmica solicitação de providências que viabilizem o seu pleno funcionamento;

XIII. planejar a oferta de componentes curriculares;

XIV. decidir sobre procedimentos referentes aos pedidos de matrícula, trancamento, transferência ou aproveitamento de estudos;

XV. deliberar sobre solicitações, recursos ou representações de alunos referentes à sua vida acadêmica.

§1º. Os colegiados de curso de Graduação e de Programas de Pós-Graduação constituem a primeira instância de decisão e apreciação de projetos e processos de interesse de docentes vinculados.

15. Núcleo Docente Estruturante

15.1 Descrição Conceitual e Atribuições

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Antropologia como instância, autônoma e, interdisciplinar vinculada à Coordenação de Curso. Com base na Resolução nº 15/2011 da UNILAB, o NDE é responsável pela concepção, acompanhamento, avaliação e contínua atualização do projeto pedagógico curricular devendo zelar pela consolidação do perfil do egresso do curso, pela integração curricular interdisciplinar entre as várias atividades de ensino previstas no desenvolvimento do curso, incentivar o desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, e observar o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.

Parágrafo único: O NDE participará diretamente nos processos de auto avaliação e de concretização das propostas presentes no PPC. Além de assegurar que as diversas componentes curriculares previstas sejam agrupadas em áreas de afinidade, a fim de se otimizar a distribuição de carga horária de ensino e a contratação de novos docentes, com vistas a assegurar a aderência dos professores aos conteúdos e metodologias exigidos em cada componente. O NDE deve refletir, na medida do possível, essas áreas de afinidade em que o curso será estruturado, assegurando-se ainda que pelo menos quatro dos seus componentes tenham formação ou produção relevante em Antropologia.

15.2 Da Constituição do Núcleo Docente Estruturante

Segundo a Resolução CONAES n. 01/2010, o Núcleo Docente Estruturante é formado por:

- Coordenador (a) do Curso;
- Cinco dos docentes do curso com titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação *strictu sensu*, e destes, pelo menos 60% possuem título de doutor, de acordo com os critérios do INEP;
- 100% dos docentes do NDE atuam em regime de tempo parcial ou integral e, destes, pelo menos 20% em tempo integral, de acordo com critérios do INEP;

15.3 Da Indicação e Mandato

Os membros do NDE devem ser eleitos dentre os componentes do Colegiado do Curso, para mandatos de três anos. Devem ser, necessariamente, do quadro efetivo da UNILAB em regime de dedicação exclusiva, e ter titulação mínima de Doutor.

15.6 Das Reuniões

O NDE reunir-se-á ordinariamente a cada três meses e tem, entre suas atribuições, e extraordinariamente sempre que convocado pelo Coordenador do Curso.

Parágrafo único: Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Bacharelado em Antropologia.

16. Coordenação do Curso de Antropologia

A coordenação do Curso de Antropologia segue as disposições do Estatuto da UNILAB que em seu Art. 65 (RESOLUÇÃO COMPLEMENTAR CONSUNI Nº 3, DE 4 DE DEZEMBRO DE 2020).

Art. 65. Cada Colegiado de Curso terá um Coordenador e um Vice Coordenador, eleitos pelo órgão, por maioria simples de votos, com mandato de 2 (dois) anos, permitida a recondução.
§ 1º Cabe ao Coordenador presidir o Colegiado de Curso e atuar como principal autoridade executiva do órgão, com responsabilidade pela iniciativa nas diversas matérias de competência deste.
§ 2º Nas faltas ou impedimentos eventuais do Coordenador, suas atribuições serão exercidas pelo Vice Coordenador e este será, automaticamente, substituído pelo decano do Colegiado.
§ 3º Em caso de vacância do cargo de Coordenador por exoneração, o Vice Coordenador assumirá em caráter permanente até o fim do mandato original do Coordenador.
§ 4º Em caso de vacância de ambos os cargos simultaneamente por exoneração, o Decano do Colegiado assumirá em caráter interino, procedendo-se a nova eleição em até 60 (sessenta) dias.
§ 5º Em caso de vacância apenas do cargo de Vice Coordenador por exoneração, suas atribuições serão exercidas pelo Decano do Colegiado, procedendo-se às eleições em até 60 (sessenta) dias para a ocupação do cargo até o fim do mandato original do Vice Coordenador.

A coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologia será eleita entre seus pares para um mandato de dois anos, com uma recondução permitida. O coordenador (a) é responsável pela convocação das reuniões ordinárias e extraordinárias do Colegiado, e por sua condução, além de ser por definição o presidente do Núcleo Docente Estruturante do curso, e membro nato do Conselho do Instituto de Humanidades. E, terá, sempre que viável, titulação mínima de Doutor, e experiência de ensino superior, educação profissional e gestão acadêmica de pelo menos cinco anos.

O regime de trabalho do Coordenador na condução do curso será de, pelo menos, 20 horas semanais. Dentro dessa carga horária, o Coordenador (a) realizará o atendimento aos discentes nas dependências da Coordenação de Curso com horário agendado previamente por meio do e-mail institucional ou na secretaria das Coordenação de Cursos.

17. Infraestrutura

Consideramos ainda que o curso reúne as condições necessárias para sua oferta diante da infraestrutura prevista no Plano Diretor (MASTERPLAN) do Campus das Auroras e os recursos humanos também previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional no tocante à contratação de docentes e técnicos administrativos.

A estrutura da UNILAB no Campus dos Palmares é conformada por quatro edifícios, sendo três blocos acadêmicos e um bloco administrativo, este último abriga uma Pró-Reitoria e o almoxarifado da universidade. Ao todo conta com 36 salas de aula, 2 elevadores, 28 laboratórios, salas de coordenação de curso e de professores, auditório, biblioteca, restaurante universitário, cantinas e áreas de convivência.

Para a atual biblioteca, já foi encaminhado o ementário do Curso de Antropologia para que os bibliotecários procedam o balanço das obras existentes e aquelas a serem adquiridas.

O corpo docente conta atualmente com 18 (dezoito docentes) seguindo os critérios qualidade máxima do INEP na proporção 20/1 (20 docentes para 1 docente), já que são ofertadas anualmente 80 vagas. Ainda em termos de recursos humanos o curso de antropologia conta 04 (quatro) assistentes administrativos e 02 (dois) auxiliares de apoio à gestão.

18. Acessibilidade

Sobre o tema da acessibilidade tem-se que esta dentro do Campus permitirá o acesso e circulação de veículos motorizados, como ônibus e carros, além de bicicletas e pedestres, de acordo com o Decreto Nº 5.296/2004. Neste sentido a universidade conta com o SEACE – Setor de Acessibilidade, o qual é responsável por elaborar, executar e gerenciar ações e pesquisas realizadas na área de acessibilidade desta Universidade. O SEACE visa a garantir o acesso e inclusão de pessoas com deficiência à vida acadêmica, eliminando barreiras pedagógicas, arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais e informacionais, além de promover o cumprimento dos requisitos legais de acessibilidade, sendo composto por uma enfermeira e três intérpretes em Libras.

Os espaços onde funcionam as atividades didático-acadêmicas do Curso de Bacharelado em Antropologia, a Unidade Acadêmica dos Palmares, possuem, para os andares térreos, rampas de acesso para uso de cadeirantes e demais pessoas com mobilidade reduzida. Para os andares superiores, há elevadores destinados ao uso prioritário de estudantes e servidores com mobilidade reduzida. Há, ainda, em ambos os locais acima discriminados, banheiros adaptados para o uso de pessoas com mobilidade reduzida.

Entre os órgãos suplementares cabe destacar a biblioteca universitária, a qual possuirá hall de entrada / Exposições, hall de Acesso / Estar, Sanitário Masculino, Sanitário Feminino, Sanitário para Portador de Necessidades Especiais, Guarda Volumes, Empréstimo / Devolução, Estar, Acervo de Livros, Acervo de Periódicos, Acesso de Multimídia, Leitura Individual, Leitura em Grupo, Salas de Leitura Individual, Salas de Trabalho em Grupo, Sala de Vídeo, Obras Raras, Reprografia, Sala de Tombamento / Classificação / Recuperação, Hall Interno, Espera da Direção, Apoio Administrativo Direção, Sala da Direção, Copa e Depósito de Material de Limpeza.

19. Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

As pesquisas realizadas como seres humanos no âmbito do curso do curso de bacharelado em Antropologia da UNILAB serão norteadas pela RESOLUÇÃO nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016 do Conselho Nacional de Saúde que trata especificamente dos aspectos éticos envolvidos nas pesquisas em ciências humanas e sociais e pela Resolução ad referendum Consepe/Unilab no. 150, de 19 de maio de 2022, que aprova ad referendum o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres Humanos (CEP), da Unilab. Dessa forma, a partir do quarto semestre do curso de antropologia os (as) estudantes serão orientados a submeter seus projetos de pesquisa na Plataforma Brasil sendo já acompanhados pelo seu possível orientador (a). Além disso,

levaremos em consideração o código de ética do antropólogo e da antropóloga. Criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012:

Constituem direitos dos antropólogos e das antropólogas, enquanto pesquisadores e pesquisadoras:

1. Direito ao pleno exercício da pesquisa, livre de qualquer tipo de censura no que diga respeito ao tema, à metodologia e ao objeto da investigação.
2. Direito de acesso às populações e às fontes com as quais o/a pesquisador/a precisa trabalhar.
3. Direito de preservar informações confidenciais.
4. Direito de autoria do trabalho antropológico, mesmo quando o trabalho constitua encomenda de organismos públicos ou privados.
5. O direito de autoria implica o direito de publicação e divulgação do resultado de seu trabalho.
6. Direito de autoria e proteção contra o plágio.
7. Os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica.

Constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos e antropólogas:

1. Direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa.
2. Direito de recusar-se a participar de uma pesquisa.
3. Direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais.
4. Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.
5. Direito de acesso aos resultados da investigação.
6. Direito de autoria e co-autoria das populações sobre sua própria produção cultural.
7. Direito de ter seus códigos culturais respeitados e serem informadas, através de várias formas sobre o significado do consentimento informado em pesquisas realizadas no campo da saúde.

Constituem responsabilidades dos antropólogos e das antropólogas:

1. Oferecer informações objetivas sobre suas qualificações profissionais e a de seus colegas sempre que for necessário para o trabalho a ser executado.
2. Na elaboração do trabalho, não omitir informações relevantes, a não ser nos casos previstos anteriormente.

3. Realizar o trabalho dentro dos cânones de objetividade e rigor inerentes à prática científica.

20. Regulamento do Trabalho de Conclusão

TÍTULO I

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º – Este Regulamento tem por finalidade estabelecer normas para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Parágrafo único - O TCC é requisito indispensável à integralização curricular.

Art. 2º – O TCC, atividade curricular integrante dos currículos do Curso de Bacharelado em Antropologia, é obrigatório. As disciplinas TCC I e TCC II têm por objetivo proporcionar ao estudante experiência teórico-metodológica necessária à formação acadêmica.

Art. 3º – O TCC será elaborado individualmente com base na matriz teórica e metodológica da antropologia e os princípios éticos e de relevância social e científica.

§ 1º O TCC terá as seguintes modalidades: monografia; artigo científico; livro ou capítulo de livro e outras modalidades de produções científicas e culturais, acompanhadas de produção textual, aprovadas pelo colegiado do curso.

§ 2º As modalidades de artigo científico e livrou ou capítulo de livro devem ser acompanhadas da carta de aceita para publicação ou da publicação em si.

§ 3º As produções textuais deverão seguir as normas de escrita acadêmicas estabelecidas pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

§ 4º O TCC deverá obedecer às normas éticas da pesquisa científica, sendo o orientando e o orientador responsáveis pelo cumprimento desta norma. Quando necessário, após validação do projeto de pesquisa pelo orientador, o estudante deverá buscar as condições para sua execução, seja pela autorização do comitê de ética, ou por termo de consentimento livre das instituições ou sujeitos envolvidos na pesquisa.

Art. 4º – Só poderá matricular-se na disciplina TCC II o estudante concludente do Curso de Bacharelado em Antropologia.

Art. 5º – Cada orientador deverá ter, em cada período letivo, até 3 (três) trabalhos orientados. Somente em casos especiais, e conforme Projeto Político Pedagógico do curso, poderá exceder este número, desde que seja imprescindível e não comprometa a qualidade do trabalho, sob aprovação do colegiado de curso.

TÍTULO II

SEÇÃO I

DA ORGANIZAÇÃO

Art. 6º – As disciplinas TCC I e TCC II compreenderão atividades de Orientação, Acompanhamento e Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso.

TÍTULO II

SEÇÃO II

DA ESTRUTURA FUNCIONAL DO TCC

Art. 7º – A estrutura funcional do TCC compreende:

I- Colegiado de curso;

II- Coordenador de curso;

III- Professor-Coordenador da disciplina de TCC;

IV- Professor orientador.

TÍTULO II

SEÇÃO III

DAS ATRIBUIÇÕES DO COLEGIADO DE CURSO

Art. 8º - Ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Antropologia compete:

I. Publicar, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias, o local, o horário e a data de entrega do TCC pelo estudante;

II. Providenciar encaminhamento à Biblioteca Central de cópia do TCC aprovado, segundo as normas estabelecidas neste documento;

III. Manter banco de dados atualizado dos Trabalhos de Conclusão de Curso aprovados, bem como *linhas de pesquisa* dos professores orientadores;

IV. Colaborar, sempre que necessário, com o Professor Orientador, no que diz respeito aos contatos com instituições públicas, privadas e de terceiro setor a fim de viabilizar o acesso ao material de referência para a pesquisa, durante a elaboração do TCC pelo estudante.

TÍTULO II

SEÇÃO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR COORDENADOR DAS DISCIPLINAS TCCs

Art. 9º – São atribuições do Professor – Coordenador do TCC:

I- Coordenar o processo da composição das bancas examinadoras e definir o cronograma de apresentação do TCC;

II- Orientar os estudantes sobre a sistemática normativa do TCC;

III- Executar e/ou supervisionar as decisões administrativas e medidas necessárias ao efetivo cumprimento deste Regulamento e das deliberações do Colegiado de Curso; IV- Sugerir à Coordenação do Curso medidas que visem ao aprimoramento das atividades do TCC;

V- Auxiliar a Coordenação do Curso nas reuniões com os Professores-orientadores com vista à melhoria do processo do TCC.

TÍTULO II

SEÇÃO V

DAS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR DO TCC

Art. 10º – Ao Professor Orientador compete:

I- Frequentar as reuniões pertinentes ao TCC; II- Orientar a elaboração do TCC em encontros periódicos, previamente agendados com o orientando;

III- Ler e acompanhar as versões preliminares e sugerir ao estudante refazer ou completar os itens que se fizerem necessários;

IV- Participar de bancas de apresentação de TCC para as quais estiver designado(a); V- Entregar ao Coordenador de TCC após a realização de cada banca examinadora todas as fichas de avaliação e a Ata assinada pelos membros da banca; VI- Cumprir e fazer cumprir as normas vigentes ao TCC.

Art. 11º – Os Professores Orientadores serão, obrigatoriamente, do quadro docente do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB.

TÍTULO II

SEÇÃO VI

DAS ATRIBUIÇÕES DO ESTUDANTE DE TCC

Art. 11º – São atribuições do estudante em fase de conclusão de TCC: I- Frequentar as reuniões convocadas pelo Coordenador de Curso ou pelo seu orientador e/ou co-orientador (se houver) nos horários pré-estabelecidos;

II- Manter contatos, no mínimo mensais, com Professor Orientador para discussão e aprimoramento de sua pesquisa, devendo justificar eventuais faltas;

III- Cumprir os prazos estabelecidos pelo Coordenador de Curso ou Coordenador do TCC, para entrega de projetos, relatórios parciais e a versão final do TCC;

IV- Elaborar o projeto de pesquisa e a versão final do TCC de acordo com orientações do Orientador e as normas do regulamento previsto no Projeto Pedagógico do curso; V-Submeter o TCC à avaliação prévia do Professor Orientador, no prazo mínimo de 30 (trinta) dias antes do final do período letivo visando obter deste as devidas correções e/ou sugestões;

TÍTULO II

SEÇÃO VII

DA ORIENTAÇÃO DO TCC

Art. 12º – Condução da orientação do TCC

§1º. É facultada a colaboração de professor co-orientador do TCC, interno ou externo ao Curso de Humanidades, desde que indicado pelo orientador da monografia, membro do corpo docente do Curso;

§2º. Cabe ao Professor Orientador de TCC acompanhar os procedimentos da pesquisa até a redação final da monografia e garantir o caráter público da defesa do trabalho, sempre averiguando a obediência às regras éticas da pesquisa e normas da escrita acadêmica.

Art. 13º – O estudante de Bacharelado terá um orientador, escolhido entre os docentes do Curso de Antropologia, que constará de uma relação organizada anualmente pela Coordenação de Curso, sendo ouvidas as preferências do estudante.

§1º – O orientador indicado deverá manifestar prévia e formalmente a sua concordância.

§2º – De acordo com a natureza do trabalho, poderá ser designado um co-orientador para o mesmo estudante. O prazo máximo para designação e registro de co-orientação será de 3

(três) meses contados a partir do ingresso do estudante na disciplina TCC I.

§3º – O co-orientador é definido como sendo aquele docente ou pesquisador, com título de mestre ou doutor ou equivalente, chamado a contribuir com competência complementar àquela do orientador, considerada necessária à realização do projeto acadêmico do estudante. §4º – O professor orientador ou co-orientador poderá declinar da orientação de um estudante em prazo limite de 30 dias antes da defesa, o que deverá ser feito através de justificativa escrita ao Coordenador do Curso.

§5º – Ao estudante é concedido o direito de pleitear mudança de orientador, mediante requerimento justificado, dirigido ao Coordenador, cabendo ao Colegiado do Bacharelado em Humanidades o julgamento do pedido.

TÍTULO III

SEÇÃO I

DA AVALIAÇÃO

Art. 14º - Da defesa do TCC

§1º. A defesa do TCC, que será pública, deverá ocorrer até o último dia do período letivo em que se matriculou o estudante, conforme calendário da UNILAB;

§2º. O estudante deverá entregar à Coordenação do Curso, no prazo mínimo de 15 (quinze) dias anteriores à data prevista para a defesa, carta do professor orientador asseverando que o trabalho será submetido à banca examinadora, com indicação de data e horário da defesa e dos nomes dos membros que comporão a comissão examinadora;

§3º. Caberá ao estudante a distribuição da cópia final do trabalho à banca examinadora;

§4.º Caberá à Coordenação providenciar o local para a defesa, em conformidade com a data e o horário estipulados em carta prévia do orientador, a ata da defesa e a declaração de participação dos membros da banca no exame de qualificação do estudante;

§5º. Na defesa do trabalho, o estudante terá um tempo máximo de 20 (vinte) minutos para apresentar seu trabalho, ao que se seguirá argüição pela banca examinadora, que definirá de comum acordo os procedimentos adotados.

Art. 15º - Da banca examinadora do TCC §1º. A banca será composta dos seguintes membros:

I- professor-orientador (presidente);

Dois professores examinadores, um deles, obrigatoriamente, membro do corpo docente do Curso de Antropologia, podendo o segundo examinador ser um membro do Instituto de

Humanidades, membro externo ao Instituto ou o coorientador/a, quando houver;

II- A composição da banca examinadora indicará um professor suplente, pertencente ao corpo docente do Instituto de Humanidades;

III – Um terceiro membro que possua o título de, ou seja reconhecido publicamente como pessoa de Notório Saber em artes, ofícios e/ou cosmologias tradicionais, ou áreas afins, poderá compor a banca, mesmo que não possua formação acadêmica, desde que o tema do TCC pertença à sua área de conhecimento.

§2º. Caberá ao orientador formalizar o convite aos membros da banca examinadora;

§3º. É da responsabilidade da Comissão Examinadora averiguar a obediência às regras éticas da pesquisa, cabendo comunicar por escrito à Coordenação qualquer deslize verificado;

Art. 16º - Membros da banca examinadora devem atribuir nota de avaliação, de zero a dez, ao Trabalho de Conclusão de Curso, levando-se em consideração: I- Os aspectos relativos ao conteúdo, considerando a profundidade da pesquisa;

II- Seu aspecto redacional, considerando a linguagem, coerência e coesão textual;

III- A capacidade de análise e síntese;

IV- A relevância significativa e científica do tema;

VI- A apresentação da/do estudante, nos aspectos de clareza, fluência e coerência com o trabalho escrito.

§1º - Se no dia da apresentação do TCC, a Banca Examinadora considerar que o trabalho necessita de melhorias, poderá sugerir que o estudante o reapresente no prazo de 15 dias.

Art. 17º – Até 15 dias, após apresentação, o estudante deverá realizar as correções sugeridas pela Banca examinadora e entregar um exemplar do TCC à Coordenação do curso, acompanhada de uma cópia em formato digital, sendo esta, uma exigência para a diplomação do estudante.

Art. 18º - A/O estudante que não entregar o TCC ao Professor-orientador, no prazo por ele estabelecido, ou não comparecer para sua defesa oral na data marcada, está reprovado na disciplina relativa à orientação de TCC. Art. 19º- Da avaliação e atribuição de notas

§1º. Para efeitos de avaliação e atribuição de nota, a banca examinadora deverá levar em consideração, quando da apreciação do trabalho, a qualidade acadêmica, o domínio apropriado da língua portuguesa, a inserção do trabalho em tema ou linha de pesquisa das Humanidades e a correta adequação entre referencial teórico-metodológico e a pesquisa empreendida pelo estudante;

§2º. Cada membro da banca deverá atribuir nota individual e nominal, que constará da ata da defesa e da folha de rosto de monografia;

§3º. A nota do TCC será resultado da média aritmética das notas atribuídas pelos membros da banca, variando de 0 (zero) a 10,0 (dez), sendo o 10,0 (dez) reservado aos trabalhos de excelência;

§4º. Será considerado aprovado e apto à colação de grau o estudante que obtiver média igual

ou superior a 7,0 (sete);

§5º. Será considerado reprovado na disciplina de TCC o estudante que obtiver média inferior a 7,0 (sete) na defesa da monografia;

§6º. Toda e qualquer verificação comprovada de plágio implica em reprovação automática do estudante, cabendo ao presidente da comissão examinadora do trabalho, quando verificado o delito, apresentar relatório circunstanciado, assinado por todos os membros da banca, à Coordenação do Curso que tomará as providências cabíveis conforme legislação vigente;

§7º. É responsabilidade do professor orientador (presidente da comissão examinadora) preencher a ata da defesa e entregá-la à Coordenação do Curso, indicando a nota atribuída individualmente pelos membros da Banca, a média final do estudante e fazendo constar a assinatura dos professores membros da comissão e do estudante autor da monografia.

TÍTULO IV

SEÇÃO I

DO DEPÓSITO DO TCC

Art. 20º– São norma para o depósito do TCC

§1º. Defendida e aprovada a monografia, o estudante deverá depositar duas cópias impressas e uma cópia em formato eletrônico do TCC na Coordenação do Curso.

I. O depósito deverá ocorrer até o último dia previsto no calendário da UNILAB para a realização dos exames finais do trimestre letivo em pauta;

II. As cópias impressas devem vir adequadamente assinadas pela Banca Examinadora;

§2º. Não se aceitará, em nenhuma hipótese, o depósito do TCC sem a documentação referida, incluída a ata da defesa.

Art. 21º - Qualquer documento relacionado à conclusão do Curso e à aprovação do TCC só poderá ser expedido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologia, incluída a ata da defesa (preenchida pelo orientador) e a declaração de participação dos professores membros da Banca examinadora, com carimbo e assinatura do Coordenador do Curso.

Art. 22º - Em nenhuma hipótese será autorizado o ‘aproveitamento’ de créditos tendo em vista a dispensa da disciplina “TCC”.

TÍTULO V

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 23º – Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado dos Cursos de Bacharelado em Antropologia, ouvidos o Professor Coordenador da disciplina TCC, o Professor Orientador e o Orientando.

Art. 24º – Este Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

21. Referências Bibliográficas

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Territorio Cidadania Maciço do Baturité – MDA/SDT/CONSAD Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010.

Ceará. Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Disponível em: http://www2.seplag.ce.gov.br/content/aplicacao/SEAD/upload/PPA_2008_2011/PERFIL%20REGIONAL/Perfil%20Regional%20Baturite.doc. Acesso em: 20 de julho de 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. 2 Ed. Brasília, Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPLAG, 2011).

TAVARES, Fátima. GUEDES, S.L.; CARDOSO, C. (Eds.). *Experiências de Ensino e Prática em Antropologia no Brasil*. Brasília, DF, Ícone Gráfica e Editora, 2010.

21. Referências Normativas

CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO E DA ANTROPÓLOGA. Disponível em : http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica**. Acesso em 28 de maio de 2018.**

Decreto Nº 5.296/2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em 25 de Julho de 2016.

Decreto N. 7.234 de 19 de julho de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em 25 de Julho de 2016.

Diretrizes Gerais da UNILAB. https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Diretrizes+Gerais+UNILAB+.

Acesso em: 02/10/2014.

Estatuto da UNILAB. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/11/Estatuto-Unilab_aprovado-no-Consuni_Nilma-Lino-Gomes.pdf. Acesso em: 02/10/2014.

Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI da UNILAB. Disponível em: http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/PDI-PRELIMINAR_Vs_21.pdf. Acesso em: 02/10/2014.

LEI Nº 12.289, DE 20 DE JULHO DE 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm**.** Acesso em 25 de Julho de 2016.

LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm**.** Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf. Acesso em 25 de Julho de 2016.

Parecer CNE/CES nº. 136, de 4 de junho de 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0136.pdf

Plano Diretor (*MASTERPLAN*) UNILAB.Conceitos e Proposições Orientadoras para o Desenvolvimento Projetual. Novembro/2012.

Portaria SESu/MEC Nº 383, de Abril de 2010. Disponível em: http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20-%20bacharelados%20interdisciplinares%20-%20referenciais%20orientadores%20%20novembro_2010%20brasilia.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Portaria GR nº368, de 18 de setembro de 2012.

Projeto de Lei N°3.891/08. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C4D5DD8464BE9D0D68DAC2AFF8B79BD1.proposicoesWeb2?codteor=711269&filename=Tramitacao-PL+3891/2008. Acesso em: 25 de agosto de 2016. RESOLUÇÃO CNE/CES 17, DE 13 DE MARÇO DE 2002.

Resolução CNE/CES de 17 de março de 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES172002.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução CES nº 2, 18 junho de 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução 15/2011 da UNILAB. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2012/09/RES-N%C2%BA-15-2011-Cria%C3%A7%C3%A3o-do-N%C3%BAcleo-Docente-Estuturante-em-Pesquisa-da-Unilab.pdf. Acesso em: 02/10/2014.

Resolução 22/2011 do CONSUNI da UNILAB. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2012/09/RES-N%C2%BA-22-2011-

Disp%C3%B5e-sobre-a-ado%C3%A7%C3%A3o-do-Enem-e-do-SISU.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução 024/2011 da UNILAB. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2012/09/RES-N%C2%BA-24-2011-Disp%C3%B5e-sobre-Normas-Gerais-para-as-Atividades-Complementares-dos-cursos-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o..pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016. Resolução S/N/CONSUP de 16 de setembro de 2011.

Resolução Nº 026-I/2013 de 21 de Novembro de 2013 da UNILAB. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2012/09/RESOLU%C3%87%C3%83O-n%C2%B0-026-A-2013-Aprova-PPC-Medicina-Campus-da-Liberdade.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução nº 008 de 23 de abril de 2014. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-008-Alltera-Ad-Referendum-a-RESOLU%C3%87%C3%83O-n%C2%BA-007_2012.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução Nº 20/2015, de 09 de Novembro de 2015. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Resoluc%C3%A3o-n%C2%BA-20-2015-Altera-a-resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-24-2011-que-disp%C3%B5e-sobre-normas-gerais-para-as-Atividades-Complementares.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

Resolução N° 14/2016/CONSUNI, de 22 de Julho de 2016. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/02/Resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-14-2016-Estabelece-as-normas-gerais-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-dos-Trabalhos-de-Conclus%C3%A3o-de-Curso-para-gradua%C3%A7%C3%A3o-da-UNILAB.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2016.

RESOLUÇÃO nº 510, de 07 de Abril de 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf. Acesso em 28 de maio de 2018.

Nº de Revisão	Texto Modificado	Data da Revisão
01	Distribuição de vagas, sendo 40 pela forma de ingresso segundo normas institucionais internas para egressos do BHU e 40 pagas ofertadas pelo ingresso via SISU; atualização de informações sobre os mestrados na UNILAB; Acréscimo sobre presença de povos e comunidades tradicionais no Ceará bem como a questão do meio ambiente que caracterizam a região do Maciço de Baturité;	Outubro 2022